

2018

Prêmio
Funarte de
Dramaturgia

Centro de Artes Cênicas – Ceacen/**Funarte**
Infância e Juventude

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Cultura

Sérgio Sá Leitão

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES | FUNARTE

Presidente

Stepan Nercessian

Diretor Executivo

Reinaldo Veríssimo

Diretor do Centro de Artes Cênicas | CEACEN

Ginaldo de Souza

Coordenador de Teatro (interino)

Cristiano Cabral de Oliveira

Comissão de Habilitação

Elizabeth de Araújo Fernandes

Janaína Botelho Guerreiro

Maria José da Silva

Comissão de Seleção

Carlos Augusto do Couto Nazareth

Miguel Velinho Vieira

Ribamar Arruda Ribeiro

Edição, Diagramação e Revisão

Anna Flávia Costa Oliveira

Cristiano Cabral de Oliveira

Giselle Brito de Miranda França

Mariana Cavalcante Dantas Marques

Valquíria Silva de Santana

CEACEN - CENTRO DE ARTES CÊNICAS

Centro Empresarial Cidade Nova

Teleporto - Av. Presidente Vargas nº 3131 / sala 1805

Cidade Nova - CEP: 20.210-911

Rio de Janeiro - RJ

www.funarte.gov.br

Ministério da Cultura

SUMÁRIO

	Página
<u>A Vingança de Babau e o Casamento Encantado</u>	04
<u>Os Fantasmas</u>	22
<u>Pedro</u>	45
<u>Bumba, o Boi que Sabia Falar</u>	59
<u>Os Números e a Vida</u>	81

A VINGANÇA DO BABAU E O CASAMENTO ENFEITIÇADO

Texto de Amanda Senna

SITUAÇÃO

Um casamento matuto.

CENÁRIO

É imprescindível uma estrutura que possa se transformar em tenda para teatro de mamulengo, pois, nesta história, boneco e gente dialogam.

Cada personagem tem o seu respectivo boneco, em versão mamulengo, igual ao ator que o representa. Exceto o Babau, que só aparece como boneco.

Para a cenografia de bonecos, são necessários: a casinha que representa a bodega da Dona Joana; uma garrafa para cachaça; uma pistolinha de água e um porrete de madeira.

PERSONAGENS

Noivo **BENEDITO** – ator e boneco.

Noiva **ROSINHA** – atriz e boneca.

PREFEITO (pai de Rosinha) – ator e boneco.

PRIMEIRA-DAMA (mãe de Rosinha) – atriz e boneca.

DELEGADO – ator e boneco.

DONA JOANA, dona da bodega – atriz e boneca.

Bêbado ZÉ DA PINGA – ator e boneco.

PADRE – ator e boneco.

BABAU – manipulador
e boneco.

ROTEIRO

Entra o Padre e se posiciona no centro do cenário. O Prefeito e a Primeira-dama entram pelo lado direito e se posicionam ao lado esquerdo do palco. A Dona Joana e o bêbado entram pelo lado esquerdo, cruzam com o Prefeito e a Primeira-dama e ficam do lado direito do palco. Ficam conversando e se arrumando até que o padre diz:

PADRE – Ordem! Ordem no recinto!
Vamos logo com esse intento,
Que tenho três batizados,
Esse e mais dois casamento;
E ainda tenho um defunto
Pr' alma encomendar sem tormento!

ZÉ DA PINGA – Seu padre, me diga uma coisa...
Essa festa virou lenda?
Cadê as comidas e bebidas?
Traz um litro de cana da venda!

DONA JOANA – Do meu estabelecimento
Tu não leva condimento
Nem sequer por encomenda!

PRIMEIRA-DAMA – Meu povo! Aquieta tudo,
Que a noiva acabou de chegar.

Toca a marcha nupcial, a Noiva entra e se posiciona à frente do Padre e fica procurando o noivo.

PADRE – Mas e o noivo? Cadê?
Ele não vai secasar?

ZÉ DA PINGA – Mas tava aqui nesse instante!
Num é que conseguiu escapar?!

(Bêbado em burburinho: tu num visse ele não? Ele passou por ai?)

O Prefeito chega do lado da filha e diz:

PREFEITO – Um casamento sem noivo?
Só sendo da filha de outro,
Que filha minha se casa,
Nem que seja com um ogro,
Mas não fica numa porta
De igreja dandosopro.

A noiva, muito nervosa, diz:

ROSINHA – Ai, meu padim Pade Ciço!

Que vexame, que aflição!
Meu pai, toma uma atitude!
Manda buscar essefujão,
Que eu tô quase tendo um troço,
Um piti... Ai, meu coração!

A noiva desmaia no colo da mãe. A Primeira-dama diz, abanando a filha:

PRIMEIRA-DAMA – Calma, filhinhaquerida,
Que prevenido é o teu pai,
E já tinha acertado um acordo
Com o delegado, que vai
Trazer o teu noivo fujão
E agora esse casamento sai!

Em vez de o Delegado trazer o noivo, chega o noivo trazendo o Delegado. Os dois chegam rindo como bons camaradas... O noivo vê a situação e diz:

BENEDITO – Fiquem calmos que eu cheguei...
Que agonia danada é essa?
Num sou homem de fugir não,
Mas num tô com muita pressa.
E se ocês me permitirem,
Ano que vem nós conversa.

O noivo tenta sair de fininho, mas o Prefeito lhe puxa pelo colarinho e diz:

PREFEITO – A permissão tá negada!
E não queira me enrolar!
Tá faltando muito pouco
Pro teu bucho eufurar.

(Ameaça o noivo com uma faca...)

A noiva toma a faca do pai, enfia um uva no boca do pai e diz:

ROSINHA – Ai, meu pai... Chupa uma uva
Que não quero ser viúva
Antes mesmo decasar!

O noivo se arruma e diz:

BENEDITO – Muita calma, pessoal!
Tava indo me arrumar
Pra ficar mais cheirosinho

E com Rosinhacasar.
Tomei uma última coragem.

(Noivo faz gesto de que tomou cachaça)

Tô pronto pra me lascar!

ROSINHA – Pronto pra quê, Benedito?

BENEDITO – Pra casar... Meumorzinho!
Cê não sabe que eu teamo?
Venha cá fazer um carinho
No seu nego tão dengoso
Que num quer viver sozinho.

Delegado interrompe mudando de lado do palco dizendo:

DELEGADO – Então, bem! O noivo eutrouxe...
Só num sei se vai ser fiel.

A dona da bodega vem se derretendo para o noivo e diz:

DONA JOANA – Esse só vai tomarjeito
Quando estiver lá no céu.

A noiva puxa o noivo; o bêbado puxa a dona da bodega e diz:

ZÉ DA PINGA – Pr'esse aí viver deamor,
Só sendo dono demotel.

A noiva, irritada, diz:

ROSINHA – Fiquem quietos, seusinvejosos!
Vão agourar outro casamento!

O noivo tenta acalmar a noiva e diz:

BENEDITO – Não se aperreie, minhaRosinha.
É só não dar cabimento!
A gente aprende a lidar
Com esse povo ciumento.

O Padre interrompe, apressado:

PADRE – Bem, isso já não é comigo.
Aqui o meu papel é casar.

Agora que vocês chegaram,
Num vou mais nem perguntar,
Que se fosse pra desistir,
Tinham tratado de nem chegar.

Vou pular logo pro fim,
Que já estou muito atrasado.
Tem alguém que ainda quer
Intervir nessenoiado?

PRIMEIRA-DAMA – Tem não, seu padre...prossiga!
Declare-os logo casado!

PADRE – Pois então declaro hoje
Que vocês estão casados.
Marido e mulher então
Ficam os dois declarados.

PREFEITO – E agora é só festejar!

PRIMEIRA-DAMA – Viva os noivos, tão amados!

TODOS – Viva!!!

*Começa a tocar um forrozinho e todos começam a dançar. A festa se anima.
O Babau (boneco) aparece atrás da tenda, tiririca da vida por estar fora da festa.*

BABAU – Viva... Viva... Cês vão ver!
Me deixaram fora da festa,
Só porque eu sou boneco.
Vou mostrar aqui quem não presta!
Desta noite não me escapam!
Vou pregar-lhes uma peça.

Ouçam todos com atenção.

(Fala normal, mas ninguém escuta.)

Ouçam todos com atenção!

(Fala mais alto, mas ainda ninguém escuta.)

Ouçam todos com atenção!!!

(Grita muito alto, e todos se assustam, e se aglomeram na lateral oposta do palco.)

O que tenho pra contar
Esta noite, uma presepada,
Já tá prestes a se mostrar!
Eu, boneco. Vocês, gente.
Isso logo vai mudar!

O Benedito vai à frente enfrentar o Babau:

BENEDITO – Bicho feio, saidaqui,
Que tu num foi convidado!
De troço ruim, basta sogra,
Que tem que ser aturado.

A noiva puxa o noivo e diz:

ROSINHA – Benedito, não fale assim.
É minha mãe, meu amado.

BABAU – Calem a boca, abestados!
Deixem de enrolação.
Desta vez, cês não escapam.
Lanço-lhes uma maldição:
Té que a morte pra mim chegue,
Bonecos cês ficarão!

A mágica acontece.

A tenda se fecha, todos entram nela, e todo mundo se transforma em boneco.

BABAU – Há, há, há, há, há, há, há!
Finalmente eu consegui!
Agora tão tudoboneco,
Do jeitinho que eu pretendi.
Cês tão preso aqui para sempre!
Até quando medestruir.

O Babau sai de cena, e todos permanecem.

A noiva fala chorando.

ROSINHA – Benedito, como tu ficou feio!
Ô boneco mal desenhado!

BENEDITO – Chora não, minha Rosinha,
Que ainda sou afeiçoado.
Mas tu virando boneca assim,
Num tem plástica que dê resultado.

Mas se esse peste tá pensando
Que acabou com a minha festa,
Esse gostinho ele não vai ter.
E vai ver quem mais não presta.
Toca aí um forrozinho,
Uma música que ele detesta!

Começa a música a tocar e todos a dançar... O noivo com a noiva, o Prefeito com a Primeira-dama. O Padre sai de cena, como se não percebesse o que aconteceu (o Padre é muito desligado). Ficam o Delegado e o bêbado tentando dançar com a dona da bodega.

ROSINHA – Ai... Já cansei dessa brincadeira.
Num quero mais ser boneca não.
Ô meu pai, dá um jeito nisso!
Benedito, pensa numa solução!
Delegado, bota moral, homem!
Dêem um jeito nessa situação!

ZÉ DA PINGA – Ai, minha gente, cadê
As autoridades desse lugar?
O povo que a gente elege
Pra todos representar,
Pra resolver os problemas...
Prefeito, é de tu que tô a falar!

PREFEITO – Esse assunto eu resolvo logo
Acionando a autoridade
Quem de fato é responsável
Pela segurança da cidade.
Seu delegado, venha logo!
Dê um jeito nesse covarde!

DELEGADO – Deixe comigo, seu prefeito.
Que vou logo resolver.
Num sei bem direito como,
Mas logo vocês vão ver.
Vou matar essa coisa ruim
E um herói eu hei de ser!

PREFEITO – Pois vá logo, seu delegado,
Que o tempo tá passando.
Boa sorte pra você.
Logo, logo eu tô voltando,
E já quero encontrar
O cão você enterrando.

Sai todo mundo... Fica somente o Delegado, com medo, tremendo-se todo.

DELEGADO – Ai... Onde eu fui memeter?
Enfrentar o cramunhão.
Num sei nem onde encontrar!
Vou buscar o meu facão.

O Delegado sai e volta com o facão.

DELEGADO – Agora é só chamarele,
Que tô pronto praconfusão.

Venha cá, seu coisa ruim!!!
Se aproxegue! Chegue cá!
Venha ver um negócio aqui.
Tenho um presentim pra te dar.

Delegado fala fazendo segredo pra plateia:

DELEGADO – Mas o que ele não sabe
É que seu bucho vou furar...

O Delegado fica chamando o Babau e sai para procurá-lo. Antes de sair, ele combina com a plateia para chamá-lo, se o Babau aparecer. Ele sai, e o Babau entra. A plateia fica chamando o Delegado, mas quando ele chega, o Babau sai. Isso acontece algumas vezes, até que o Babau fica atrás do Delegado. O público alerta o Delegado, mas no início ele não vê. Depois, o Delegado se vira e encontra o Babau, tenta furá-lo com o facão, mas o Babau toma o facão dele e quebra. O delegado sai correndo, dizendo:

DELEGADO – Deixe estar, que vou mearmar!
Logo volto pra te pegar!

O delegado volta com um porrete enorme.

DELEGADO – Agora ele não meescapa.
Esse pau é de lascar.
É duro que só a peste.
Quero ver ele quebrar!

Ô, seu Babau, venha cá,
Que agora eu quero ver
Se teu coro vai aguentar
O tanto que vou bater!
Eu quero é ver se agora
Cê não vai se arrepender.

O Babau aparece, e a briga começa. Ele fica se esquivando das cacetadas do Delegado. Depois toma o pau e bate no Delegado, que sai correndo.

DELEGADO – Ai, ai... Me lasquei denovo.
Cês tão pensando que é moleza?
Acabei de ter uma ideia!
Vocês vão ver que beleza.
Dessa vez ele não me escapa.

Quero ver quem tembrabeza!

O Delegado volta com uma pistolinha de água.

DELEGADO – Seu Babau, venha cá!
Apareça, afinal!
Que se isso não der jeito,
Eu mando tocar o sinal,
E desisto dessa briga
Pra não acabar me dando mal!

O Babau aparece e fica tirando onda com o Delegado. O Delegado atira nele, mas o Babau não morre. Fica intacto. O Babau pega a pistola e joga longe. O Delegado sai de cena dizendo:

DELEGADO – Desisto! Desisto! Me dei mal... Ai, ai, ai...

BABAU – Esse povo táachando
Que é fácil mematar.
Mas, pra isso, só tem um jeito,
E não dá pra improvisar.
Mas não podem descobrir,
Se não eu é que vou me lascar.

O Babau sai de cena. Entra o Delegado chamando o Prefeito. O Prefeito, a Primeira- dama e Rosinha entram em cena e o Delegado fala:

DELEGADO – Seu prefeito, eu desisto!
Não dou jeito nesse cão.
Tô aqui pra prender gente,
Não me dou com assombração.
Chama o padre, que é quem resolve
Essas coisas com o cramunhão!
Coisa de espírito, Babau, capeta,
Só ele é que dá solução.

*O Delegado sai de cena todo desconjuntado.
O Prefeito chama o Padre:*

PREFEITO – Ô, seu padre, venha cá,
Pra me trazer a solução!

PRIMEIRA-DAMA – O Senhor é a nossaesperança
Pra nos trazer salvação!

PREFEITO – Arrume logo algumjeito
De acabar com essa maldição.

O Padre entra em cena, todo desorientado, sem nem ter percebido a situação.

PADRE – O que está acontecendo?
Quem foi que mandou me chamar?
Tô me achando meio estranho,
Alguém pode explicar?
O que querem que eu faça
Pra esse furdunço acalmar?

ROSINHA – Seu padre, preste atenção
No estado que a gente se encontra!

PADRE – Mas, num é o Rio Grande do Sul?

(Pode variar conforme o lugar onde estiver sendo apresentado o teatro.)

PADRE – Disso aí já me dei de conta.
Sendo só isso, vou embora,
E vocês segura asponta.

PREFEITO – Seu padre, a gente é boneco!
O senhor ainda não percebeu?
Olhe pra sua pessoa
Pra vê o que aconteceu!

A dona da bodega entra em cena e diz:

DONA JOANA – Precisa fazer alguma coisa.
Nos socorre, pelo amor de Deus!

Dona Joana sai de cena. O Padre começa a se dar conta.

PADRE – Bem que achei ter visto o Satanás
Em sua completa forma e feiura!

O Padre vai pra perto da Primeira-dama, confundindo ela com o cramunhão, e começa a exorcizar, dizendo:

PADRE – Sangue de Cristo tem poder!
Volta pro teu lugar, criatura!

A Primeira-dama, ofendidíssima, dá um empurrão no padre e diz:

PRIMEIRA-DAMA – Cê tá doido, seu padre?

PREFEITO – Fala assim, na cara dura?

PRIMEIRA-DAMA – Marido, ele me chamou de feia?
Foi isso mesmo que eu ouvi?
Não tente me enrolar!
Foi isso mesmo que eu entendi!

PREFEITO – Ai, que isso vai me custar uma fortuna!

PRIMEIRA-DAMA – Mais caro custa pramim...
Pois eu quero é que esse padre,
Que não vale um vintém,
Seja logo excomungado,
Que esse não ajuda ninguém.

PREFEITO – Ô mulher, num faleassim,
Se não sobra pra mim também

Os três saem de cena, e entra o bêbado:

ZÉ DA PINGA – Eu tô vendo que aqui
Não tem é ninguém que pensa,
Pois tive uma ideia bem boa.
Agora a minha cachaça compensa.
Vou tomar uma com o Babau,
Mas quero uma recompensa.

Benedito entra na cena, como quem não quer nada.

ZÉ DA PINGA – Benedito, venhá cá!
Uma ideia eu tive agora.
Sei de uma mistura braba
Que quem bebe, morre na hora.
Uma vez cruzei com ela,
Por pouco não vou mimbora.

Benedito e o bêbado vão andando e conversando...

Misturando uma tal cachaça
Com um leite de jumenta,
Eu fiz para experimentar,
Mas vi que a bicha é tormenta!
Até eu que sou do ramo
Digo que ninguém aguenta.

Só toquei a ponta da língua
E quase fui dessa pra mió.
Vi meu padim Pade Ciço.

Dei a mão, mas meu suó
Fez com que eu escorregasse.
A ressaca foi a pior!

BENEDITO – Sei que cê tem boa vontade
E tá tentando ajudar.
Sua ideia até que é boa,
Mas tenho que te informar
Que, sendo assim, desse jeito,
Acho que não vai funcionar.

Benedito passa a perna no bêbado, roubando sua ideia.

Mas num é que ocê acaba
De me dar uma ideia da boa!
Que tal a gente misturar
A cachaça de leoa
Com o leite da jumenta?
Isso mata qualquer pessoa!

O bêbado nem se dá conta.

ZÉ DA PINGA – Tu é mesmo inteligente!
Cabra sabido da peste!

Benedito bancando o modesto:

BENEDITO – A gente faz o que pode.
Vamos torcer que isso preste!
Bora logo na bodega
Preparar. Fazer o teste.

Saem o Benedito e o Zé da Pinga ainda conversando. Aparece a barraca da bodega, com a Dona Joana. Depois chegam os dois ainda conversando.

BENEDITO – Boa tarde, Dona Joana.

DONA JOANA – Boa tarde, Benedito.
Que é que te traz aqui?

BENEDITO – Viemos fazer umpedido
Pra um plano que a gente teve
Pra acabar com o maldito.

DONA JOANA – Diga aí o que precisa
Que eu tô mesmo apressada.
Quero logo virar gente,
Que já to agoniada!

Dona Joana fala, referindo-se ao público:

Olha só a clientela
Que tá sendo desperdiçada.

Nunca vi foi tanta gente
Andando por esses lados.
E agora que chegaram,
Tô eu aqui nesse estado!
Boneco não vende pra gente...
Ô, dinheiro desperdiçado!

BENEDITO – Entendo bem o que se passa.
Tá difícil pra todo mundo.

DONA JOANA – Diga aí o que precisam
Pra vencer o moribundo.

BENEDITO – Quero a pinga de Leoa,
Que o bagulho é bem profundo.

Dona Joana pega a pinga e coloca no balcão.

BENEDITO – Zé da pinga, bota aqui
O teu leite de jumenta.
Agora mistura com essa pinga.
Coloca também pimenta.

ZÉ DA PINGA – Afe! Essa mistura daqui,
Nem o diabo aguenta!

Entra o Babau, furioso com o desafio!

BABAU – Quero ver o que eu não aguento
Quem ousa me desafiar?

O bêbado começa a se tremer:

ZÉ DA PINGA – Ai, meu Deus, mas e agora?
Onde é que eu fui me enfiar?
Fui dar uma de corajoso
Mas tô a ponto de me mijar!

O bêbado sai correndo de medo.

BENEDITO – Olha aqui abelezura

Que acabamos de preparar.
Uma bebida caprichada
Pra cabra machotomar.
E se tu é mesmo isso tudo,
Sei que não há de hesitar!

O Babau bebe tudo e diz:

BABAU – Eita, garapa bemboa
Que botaram p´reiu tomar!
Tô gostando desse povo
Que num sabe me matar.
Se continuarem assim,
Desse jeito eu vou gostar.

BENEDITO – Muito bem, seucramunhão,
Tô vendo que és valente.
Vou ali contar pro povo,
Pro senhor ficar contente,

Diz em segredo para o público:

E pra dar tempo d’eu pensar
Noutra solução pra gente.

Saem de cena o Benedito e a Dona Joana.

BABAU – Esse povo tá pensando
Que é fácil mematar.
Mas pra isso só tem um jeito,
E eu vou aqui confessar.
Mas não deixem que descubram,
Se não eu vou é me lascar.

Eu só morro de um jeito.
O difícil é descobrir!
A forma até que é simples.
Quem descobre, até sorri,
Pois é um grande enigma, que junto
Com a solução tem que vir.

Eu só morro se separam
O meu corpo da minha alma.
Guardem bem esse segredo,
Se não perco minha calma.
Agora vou tirar um cochilo,
Que essa pinga me acalma.

O diabo sai de cena. Entra o Benedito.

BENEDITO – Ô, meu povo! Eu ouvi
O diabo aqui contar
Uma coisa, eu não entendi,
Alguém pode me explicar?

O Benedito atira o público a falar, e dialoga em versos livres.

É o quê, meu povo?
O que vocês tão me dizendo?
Corpo da alma?
Isso aí eu não entendo...
Mas eu vou pensar com calma,
Para ver se compreendo.

O Benedito fica andando de um lado para o outro, pensativo, falando:

Corpo da alma... corpo da alma... separar o corpo da alma...
Como é que eu vou fazer isso? Ai, ai, ai...

Benedito de repente tem uma ideia...

AAAAAAgora entendi foi tudo!
E já sei o que vou fazer.
Vou dar um jeito nesse chifrudo.
Agora ele vai morrer!
Minha Rosinha, venha cá,
Que um plano acabo de ter.

ROSINHA – Ô, meu nego, me chamou?
É chamego que tu quer?

BENEDITO – Ô mulher, mas deixadisso!
Venha cá, de boa fé,
Que boneco não tem graça.
Tô doido é pra te ter mulher.

Mas num vem desconcentrar,
Que é pra eu não esquecer
A ideia que eu tive agora.
Vamos logo aqui fazer
Uma festa pro Babau,
Que agora ele vai ver!

ROSINHA – Festa para o cramunhão?
Mas aquilo não merece
Nem um pedaço de pão!
O que é que aqui sucede?

BENEDITO – Mulher, faça o que eumando!

Atenda logo a minha prece.

Reúna logo toda gente.
Vamos logo começar.
Junta comida e bebida,
Bota música pra eu dançar.
Só não pode esquecer
De o Babau convidar.
Que essa noite, com certeza,
O chifrudo eu vou matar.

Todo mundo chega pra festa...

BENEDITO – Vamos logo combinar
O que a gente tem que fazer.
Chega junto, pessoal.
Escuta o que eu tenho a dizer.

Fazem uma roda e o Benedito explica o plano. Fazem mistério para o público por alguns instantes.

PRIMEIRA-DAMA – Cabra sabido dapeste!!!
Desse jeito ele vai morrer!

BENEDITO – A gente faz o que pode.
Vamos tratar de disfarçar,
Que pra tudo aqui dar certo,
Ele não pode desconfiar.

ROSINHA – Pois, então, tu chegue logo,
Se aproxime pra dançar.

Ficam dançando... O diabo chega:

DIABO – Olha eu aqui chegando
Pra festa que fui convidado!

PREFEITO – Resolvemos aceitar
O destino que nos foi traçado.

BENEDITO – Digam VIVA pro Babau!
E vamos pegar esse desgraçado!!!

Todos agarram o Diabo e puxam ele da mão do manipulador. Benedito deixa o boneco do Diabo pendurado na tenda, e a mão do manipulador fica se mexendo descoberta, até parar e descer. Os demais personagens saem, um de cada vez, da tenda; cada ator com o seu boneco na mão, falando na sequência abaixo:

- BABAU** – A mágica que aqui foi feita
Aconteceu praretratar
- PADRE** – A ligação do bonequeiro
Com o boneco que vai brincar,
- ROSINHA** – Pois, pra brincadeira acontecer,
A vida dele, ele tem que emprestar.
- BENEDITO** – Quando alguém vai começar
A com o mamulengo brincar,
- PRIMEIRA-DAMA** – Naturalmente acontece
Muita coisa a transformar:
- PREFEITO** – A pessoa e o boneco
Uma só coisa vão virar!
- DONA JOANA** – Nesse instante, ele é o boneco,
Pois seu sangue corre nele.
- ZÉ DA PINGA** – Quando acaba a brincadeira,
Sua vida volta pra ele.
- DELEGADO** – Só que na vida real,
Tudo só depende dele.

Neste momento, todos os atores, reunidos, agradecem e cumprimentam o público!

FIM

OS **F**ANTASMAS

Texto de Gabriela Gonçalves

PERSONAGENS

Criança imunda, de gênero indefinido, entre 9 e 10 anos de idade. **MULEQUE**

Refinado e culto, o lorde da sarjeta. **BARÃO**

Senhora doce. Gentil, delicada e sensível. **ZEZÉ**

Nascido e criado nas ruas. O Vagabundo, de Álvares de Azevedo. **MALANDRAGEM**

Cena I – Muleque descobre os Fantasmas

No palco, Barão, Flor Muleque entra correndo no proscênio, segurando um naco de pão e uma coleira invisível. O cenário dá a entender de que se trata de um prédio abandonado, aqui e ali vê-se papéis escrito em maiúsculas ORDEM DE DESPEJO e DESAPROPRIAÇÃO.

MULEQUE – Quase que pegam a gente dessa vez! Se tu não morde o vigia, era nós dois dormindo de novo de bucho vazio, Amigão! *(acaricia o cachorro)* Mas que foi lindo de se ver, isso foi! O pingado quentinho cheirando forte, o vigia mexendo no celular e essa lindeza de pão com manteiga dando mole em cima do balcão. A gente atrás da pilastra, passa a dona com cachorro e compra e sacola e “Manoel, venha cá me ajudar com as compras”. O vigia vira de costas, coração pula no peito, um, dois, três e já! A gente sai na carreira pra chegar na guarita, o cachorro da dona vê a gente e dana a latir! Eu agarro o pão com manteiga, desvio do vigia, e lá vai você e crau! Morde a canela do Manoel! Madame grita, poodle late, Manoel xinga e a gente corre, e corre, e corre, o coração subindo pelo peito e quase saindo pela boca, as sacolas voando alto feito pipa e os carros zunindo atrás da gente, já atravessando a rua! Que noite, Amigão! Que noite! *(dividindo o pão em dois)* E agora, a melhor parte: o banquete! Isso sim é que é vida, Amigão! *(Muleque mastiga em silêncio, saboreando o pão. Silêncio. Sente frio)* Não precisa se preocupar Amigão, eu tô aqui pra cuidar de você. Eu sei que nessas horas, de noite, quando tudo fica quietinho, é mais fácil ter medo. Chega mais perto! Você é feito um casaco quentinho com esse seu pelo comprido! E as pulgas fazem uma cosquinha gostosa! *(segura Amigão no colo)* Hoje vai ser uma noite daquelas... Se ao menos a gente encontrasse um lugar quentinho, dentro de um bueiro ou em cima de uma árvore... *(percorre o palco com o olhar, encontra um latão)* Deve ser nosso dia de sorte! Cabemos os dois aqui dentro, comfolga!

Muleque anda em direção ao latão. Ao encostar-se a ele, Malandragem surge de dentro do latão,

assustando Muleque.

MALANDRAGEM– Quem me incomoda?

Muleque grita e tropeça em Zezé, que estava encolhida em um canto, mesclada à paisagem.

ZEZÉ – Olá!

Muleque, ainda mais assustado, sai correndo e esbarra em Barão –, que segura em uma mão uma xícara de chá bonita, porém maltratada e na outra mão um jornal.

BARÃO – Francamente, que grosseria!

MALANDRAGEM– Um ladrão de latão!

BARÃO – Um desperdiçador de chás!

ZEZÉ – *(para Amigão)* Um cachorrinho!

BARÃO – *(para Muleque)* A falta de pedigree é evidente.

MALANDRAGEM– *(para Amigão)* Delicioso! Faremos uma sopa!

BARÃO – *(para seu chá)* Era um autêntico Da Hong Pao...

ZEZÉ – *(para Muleque)* E veio com um menino!

MALANDRAGEM– *(para Muleque)* O ladrão é muito magrinho, a sopa ficaria rala.

BARÃO – O último imperador chinês em pessoa meu deu este chá...

MALANDRAGEM– *(para Muleque)* Mas é um Fantasma!

ZEZÉ – O menino ou o cachorro?

BARÃO – Um fantasma mal-educado, pelo visto.

ZEZÉ – *(para Muleque)* Não é um menino, é um Fantasma!

MALANDRAGEM– Foi o que eu acabei de dizer!

BARÃO – Definitivamente, não se fazem mais Fantasmas como antigamente.

MULEQUE – *(sussurrando)* Eu não sou um Fantasma...

MALANDRAGEM– É o quê?

ZEZÉ – Maravilhoso! Ele fala!

BARÃO – Que Fantasma mais desarticulado...

ZEZÉ – E o cachorro? Também fala?

MALANDRAGEM– Prefiro que o jantar não fale muito. Dá indigestão.

BARÃO – *(alinhando Muleque)* Ora, muleque! Estufe o peito, tome ar, ajeite a

postura e fale! Lembre-se: projeção! Clareza!Articulação!

Muleque inspira e infla o peito para falar, mas as palavras permanecem engasgadas em sua garganta. Malandragem lhe dá um tapa nas costas e Muleque desata a falar.

MULEQUE – Isso é um cachorro, não é um jantar. Eu não sou um ladrão de latão, só de pão com manteiga, é só porque com fome. Eu também não sou um jantar. Eu falo, ele não. E nós somos Fantasmas!

Os Fantasmas entreolham-se e, após um breve instante, começam a rir.

MULEQUE – O que houve? Por que vocês tão rindo?

MALANDRAGEM– Ele não sabe que é um Fantasma!

BARÃO – Visivelmente um Fantasma em negação.

MULEQUE – Do que vocês tão falando?

ZEZÉ – Talvez o pobrezinho ainda não saiba...

MULEQUE – Saiba o quê?

ZEZÉ – Que é um Fantasma!

MULEQUE – Mas como pode ser, se eu tô aqui vivinho, bem na sua frente?

BARÃO – Decididamente, ele não sabe.

MULEQUE – Vocês são todos malucos!

MALANDRAGEM– Maluco é você, que é Fantasma e nem sabe!

ZEZÉ – Barão, explique para ele!

BARÃO – *(lendo o jornal púido)* Estou no meio da sessão de finanças.

ZEZÉ – Por favor, Malandragem! Ele ainda não entende...

MULEQUE – O que eu não entendo?

MALANDRAGEM– Uma hora ele aprende, por bem ou por mal.

ZEZÉ – Não pode ser por bem?

BARÃO – Pelo meu bem, façam silêncio.

MULEQUE – Vocês podem, por favor, parar de falar como se eu não tivesse aqui?

Os Fantasmas olham para Muleque, se entreolham e continuam a conversa como se ele não estivesse lá.

Cena II – Descrição do que é necessário para se tornar um Fantasma – mas não se diz o que é necessário para deixar de ser um.

ZEZÉ – E se explicássemos todos juntos?

BARÃO – Eu estou muito ocupado.

MALANDRAGEM– Eu também, não tenho tempo pra isso.

ZEZÉ – Está bem, explico eu.

BARÃO – Já que você insiste, eu explico então.

MALANDRAGEM– Ah, que chatice! Eu explico logo. *(Para Muleque)* Muleque, você é um Fantasma. Pronto.

ZEZÉ – Ótima explicação!

BARÃO – Eu mesmo não faria melhor.

MULEQUE – Isso quer dizer... que eu morri?

ZEZÉ – Morreu? Coitado...

BARÃO – Claro que não! Que tolice...

MALANDRAGEM– De onde você tirou uma coisa dessas?

MULEQUE – Mas vocês mesmo disseram que...

MALANDRAGEM– É bem simples: existem dois tipos de Fantasmas: os Fantasmas mortos e os Fantasmas vivos. O primeiro tipo vira Fantasma depois de morrer. O segundo tipo é Fantasma ainda em vida.

MULEQUE – Nossa, nunca tinham me explicado isso...

ZEZÉ – Não se fala mesmo sobre esse tipo de coisa.

BARÃO – É o tipo de conhecimento que é implícito.

MULEQUE – Implícito?

MALANDRAGEM– É quando todo mundo sabe que uma coisa é de um jeito! Mas ninguém fala sobre isso.

ZEZÉ – Todo mundo meio que adivinha!

BARÃO – Meu rapaz, é muito simples: quando você anda na rua, alguém por acaso te enxerga?

MULEQUE – Pensando bem, às vezes parece que ninguém me vê...

ZEZÉ – E, se alguém te olha, logo vira o olhar e muda de lado na calçada?

MULEQUE – Isso acontece de vez em quando, mas...

MALANDRAGEM– Você tem documento? Profissão? Casa?

MULEQUE – Não tenho não senhor, mas...

MALANDRAGEM– Então pronto! Você é um Fantasma!

BARÃO – Inegavelmente, um Fantasma.

MULEQUE – Nossa! Eu sou um Fantasma! Isso explica muita coisa... Peraí, como foi que eu virei um Fantasma e nem percebi?

ZEZÉ – Simplesmente acontece, meu filho. O Barão ali, por exemplo, virou Fantasma de repente!

BARÃO – Nem tive tempo de trocar de roupa.

ZEZÉ – Já o Malandragem é Fantasma desde pequenininho.

MALANDRAGEM– Nascido e criado Fantasma, com muito orgulho!

ZEZÉ – Já eu, fui virando Fantasma de pouquinho, cada ano ficava mais fantasmagórica. Aí foi tranquilo, não teve susto.

BARÃO – Realmente, parece bem mais agradável.

ZEZÉ – E você, muleque? Como foi virar um Fantasma?

MULEQUE – Eu não sei direito... eu morava com a vó num barraco pequeno, só tinha um quarto. Tinha também uma cama meio quebrada, um colchonete, um fogão e dois baldes: um pra pegar água e o outro era o banheiro. O vizinho puxou um fio do poste a gente tinha até lâmpada lá dentro! A água a gente pegava de um de um rio meio barrento, lá perto, e a vó fervia numa panela velha no fogão antes da gentebeber.

ZEZÉ – Parece uma casa linda!

MULEQUE – Era mesmo! Morava lá eu, a vó e a mãe.

MALANDRAGEM– Você tinha vó e mãe?

BARÃO – Um luxo invejável.

MULEQUE – Mas a mãe não ficava muito tempo em casa. Se eu quisesse encontrar a mãe, era só andar um pouco na rua, de noite, que a ela tava sempre com uma gente meio estranha, os olhos fundos e as mãos magras, que tremiam muito. E sempre era à noite, a mãe não gostava muito do dia. Da vó, eu gostava! Ela fazia cusuz de milho no fogão e andava pela casa cantando baixinho, arrastando o chinelo no chão. Um dia, a vó ficou doente, não saiu mais da cama. Noutro dia, um vizinho levou a vó pro hospital, e ela não voltou mais pra casa.

ZEZÉ – Casa, essa palavra é engraçada, né? Pequeninha mas, se ela falta, abre um buraco gigante no peito...

MALANDRAGEM– Zezé, não interrompe! Deixa o muleque continuar!

MULEQUE – Não tem muito mais o que contar. No outro dia, a mãe apareceu em casa com o namorado. Eu não gostava do namorado da mãe. E o namorado da mãe também não gostava de mim. Foi nesse dia que eu soube que tinha que ir embora.

BARÃO – (*afagando Amigão*) E este maravilhoso espécime, morava com você?

MULEQUE – Eu encontrei o Amigão no meu primeiro dia fora. Na verdade, foi o Amigão que me encontrou! Eu tava meio triste, atrás de uma lata de lixo. O Amigão chegou devagarzinho, colocou a cabeça no meu colo e pronto! A gente virou amigo!

BARÃO – A fauna! Que extraordinário poder ela possui! Todos os animais conseguem enxergar os Fantasmas, por isso os Fantasmas gostam muito de cachorros, e gatos...

ZEZÉ – Alguns até de ratos!

MALANDRAGEM– Hum, delícia...

MULEQUE – O tempo foi passando e as minhas pernas e braços cresceram mais que as mangas da camisa e a barra da calça. Acho que foi aí que eu virei um Fantasma... Sim, deve ter sido aí.

Cena III – Muleque vence um desafio proposto,

ZEZÉ– Pobrezinho... Podemos ficar com ele?

BARÃO– Não sei, parece ter pulgas.

ZEZÉ – Estou falando do muleque!

BARÃO – Ora, eu também!

MALANDRAGEM– Não sei, não sei... Já temos muito que fazer! Um Fantasma, pequeno, assim, dá muitotrabalho.

MULEQUE – Eu não dou trabalho nenhum!

BARÃO – Certamente teremos de alimentá-lo.

MULEQUE – O Amigão já me mostrou as mangueiras e amoreiras que dão fruta, e as bicas onde dá pra beber água fresca e se lavar.

ZEZÉ – E ele é tão pequeno, não deve comer muito!

MALANDRAGEM– É mais um pra esconder dos homens de uniforme!

MULEQUE – Eu e o Amigão conhecemos vários esconderijos. E, se aparece algum homem de uniforme, o Amigão começa a latir, dando tempo pra gentefugir!

- BARÃO** – Extraordinário!
- MALANDRAGEM**– Decidido! Ficaremos com o Amigão!
- MULEQUE** – Não!
- ZEZÉ** – Malandragem, isso não é certo. Separar um Fantasma de seu cachorro, assim, desse jeito.
- MALANDRAGEM**– Ficar com os dois vai dar muito trabalho!
- ZEZÉ** – O Muleque sabe se virar, ele mesmo disse!
- BARÃO** – Fantasmas! Quando nos deparamos com um dilema como este, só nos resta uma coisa a fazer. Conferência!

Os Fantasmas reúnem-se em círculo e cochicham, como se tomassem uma decisão da maior importância. Após longo tempo, Barão toma a frente do grupo.

- BARÃO** – Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, para admiti-lo em nosso *petit comité*, caberá a você executar, com maestria e destreza, uma tarefa a nosso critério. Tal como Jasão em busca do Velocino de Ouro, você terá que provar sua astúcia trazendo-nos um tesouro valiosíssimo, algo que ateste sua habilidade em sobreviver nesse mundo cruel para Fantasmas, como eu e você.
- MULEQUE** – *(confuso)* O quê?
- MALANDRAGEM**– Se quiser entrar pro grupo, vai ter que trazer sabonete.
- MULEQUE** – Sabonete!
- BARÃO** – Um tesouro inestimável!
- MALANDRAGEM**– E tem que ser até o final do dia.
- BARÃO** – A trama se complica!
- MALANDRAGEM**– E se os homens de uniforme te pegarem, você tá por sua conta!
- BARÃO** – Uma aventura repleta de perigos!
- ZEZÉ** – *(beijando o Muleque na testa)* Tenho certeza que irá conseguir.
- MULEQUE** – *(reticente)* Tudo bem... Então eu vou indo! Sabonete, né? Pode deixar! Vamos lá, Amigão!

Os Fantasmas fazem que vão se sentar, para esperar o retorno de Muleque, no momento em que tocam o chão, Muleque retorna triunfante, com um pedaço de sabonete na mão.

- MULEQUE** – Aqui está!

MALANDRAGEM – Não é possível!

BARÃO – Admirável!

ZEZÉ – (*admirando o sabonete*) Que lindas cores!

BARÃO – Sinto cheiro de lavanda!

MALANDRAGEM – Como conseguiu tão rápido?

ZEZÉ – E com tantos homens de uniforme por aí?

MULEQUE – Foi fácil! Daqui a duas ruas tem um prédio, e no fundo do prédio ficam as caçambas de lixo. Eu esperei todo mundo ficar distraído e me escondi em uma...

BARÃO – A julgar pelo cheiro, essa parte é verdade.

MULEQUE – O Amigão ficou do lado de fora, pra latir se alguém chegasse perto. Foi só procurar um pouquinho que eu achei um monte de barras assim, que o pessoal usou um pouco e jogou fora. Aí nos fomos numa bica e, com água, juntamos esses pedacinhos. Deu esse saboneteão grandão!

MALANDRAGEM – Hunf, foi pura sorte.

MULEQUE – Então? Passei no teste?

Os Fantasmas entreolham-se.

BARÃO – Conferência!

Mais uma vez, os Fantasmas reúnem-se em círculo e cochicham, como se tomassem uma decisão da maior importância. Após longo tempo, Barão toma a frente do grupo.

BARÃO – Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, tal como Moisés, fazendo cair dos céus o Maná para alimentar o povo de Israel, você nos trouxe hoje um grande tesouro. Por isso, é com muita honra e alegria que admitimos sua figura, *recub sic stantibus*, em nossa organização! Para tanto, você ganhará um nome de Fantasma!

MULEQUE – Isso é demais! E qual o meu nome de Fantasma?

Os Fantasmas entreolham-se. Suspense.

ZEZÉ – Muleque!

MULEQUE – Que nome incrível!

BARÃO – Achamos apropriado.

Cena IV – Lições de Fantasma

MULEQUE – Eu tô tão feliz! Deve ser mais fácil ser um Fantasma quando a gente tem outros amigos Fantasmas! Já estava ficando cansado, ia agora mesmo perguntar se existe um jeito de deixar de ser um...

Zezé começa a falar, mas é interrompida por Malandragem.

MALANDRAGEM– E pra quê você iria querer uma coisa dessas, muleque? Ser Fantasma é bom demais! Isso é que é vida! Olha bem pra mim, eu tenho tudo o que eu preciso!

MULEQUE – Não parece...

MALANDRAGEM– Como não? Olhe bem!

*(cantando) Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

*Nossa cama é o gramado
verde e fofo pra deitar
O chuveiro é o riacho
O mundo inteiro, o nosso lar*

ZEZÉ – Se souber onde olhar
Você tem o que comer

MALANDRAGEM– E se o frio apertar
O fogo vai te aquecer!

ZEZÉ e MALANDRAGEM– *Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

MULEQUE – É verdade, Barão? Na rua a gente é livre?

BARÃO – *(coloca o jornal de lado, pigarreia, e começa a sapatear)*

*Quem tem muita posse
ligeiro se esquece
do que mais importa
e logo adocece*

*Seria mentira
não admitir
que dinheiro, viagens
não fazem sorrir*

*Mas a pura verdade
que se ignora*

ZEZÉ – *É que a felicidade
não vende em loja!*

TODOS – *Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

MULEQUE – *Eu nunca tinha visto as coisas desse jeito!*

MALANDRAGEM – *Então cola em mim, Muleque! Você tem muito a aprender! Lição número 1: Comer!*

*O lixo, coitado,
É injustiçado
Há tesouro escondido
ali atolado!*

Lição número 2: Se aquecer!

*O mais fino tecido
pode ser bonito
Mas pouco protege
do vento e do frio*

BARÃO – *Jornal e papel
Se bem ajeitados
São mais elegantes
Que seda e brocado!*

(Barão improvisa uma blusa térmica, recheando sua roupa de jornais velhos)

MULEQUE – *Comer, se aquecer... Entendi! O que mais?*

BARÃO – *Lição número 3: se esconder!*

(arrancando um dos panfletos, onde está escrito 'NÃO ULTRAPASSE')

*Se alguém de uniforme
Aqui aparecer
É melhor não dar mole
Vá se esconder*

*Encontre um abrigo
Ou esconderijo
Pra na hora certa*

Tomar chá de sumiço!

(Barão, Zezé e Malandragem somem, reaparecendo de surpresa e assustando Muleque)

MULEQUE – Agora eu entendi! Comer, se aquecer, se esconder. Comer, se aquecer, se esconder. Comer, se aquecer, se esconder! É muito fácil!

BARÃO – Bravo, Muleque!

MALANDRAGEM – Já é um profissional!

ZEZÉ – Ainda não! Falta o mais importante! Lição número 4: dividir!

Quando nada sobra
A mais simples vitória
É bem meritória

A cada instante
Saiba aproveitar
O que conquistar

Mas toda conquista
É mais celebrada
Se compartilhada

E, a bem da verdade
A maior conquista
É o dom da amizade

TODOS – Todos Na rua a gente é livre
Pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher
Como rei a gente vive

Cena V – A história de Barão

Os Fantasmas dormem, com exceção de Malandragem, que não está em cena. Um despertador toca. Como em um ballet rigidamente coreografado, Barão levanta-se e começa sua rotina matinal: primeiro, penteia-se com muito cuidado, examinando-se em um caco grande de vidro que faz às vezes de espelho. Em seguida, escolhe dentre seus ternos puídos qual irá vestir. Escolhe um de tweed, combinando-o com um lenço. Malandragem entra em cena cansado, carregando um balde e um rodo para limpar janelas de carro. Entrega a Barão um jornal, recolhendo-se em seguida ao seu latão, para descansar. Muleque monta uma cadeira de armar, Barão senta. Muleque entrega a ele um guardanapo de pano. Zezé, que preparava em uma lata o chá, serve-o em uma xícara para Barão. Zezé entrega um naco de pão para Barão, que reparte um pedaço para si e come-o

de garfo e faca. O segundo pedaço vai para Muleque, que o come com as mãos, sentado no chão. O terceiro e último pedaço vai para Malandragem, que apenas estende o braço para fora do latão para pegá-lo. Ao constatarem que não sobrou nenhum pedaço para Zezé, todos repartem um pedaço de seu próprio naco e entregam a ela. Muleque começa a tentar imitar Barão, seus trejeitos e maneirismos.

BARÃO – *(lendo o jornal)* Formidável!

MULEQUE – Formidável!

BARÃO – Interessante...

MULEQUE – Interessante...

BARÃO – Homem de uniforme! *(esconde-se)*

MULEQUE – Homem de uniforme! *(percebendo o engano)* Eita!

Os Fantasmas misturam-se ao cenário, escondendo-se habilmente. Após alguns segundos, Malandragem coloca para fora do latão uma luneta, dá o sinal que tudo está bem e todos voltam aos seus afazeres de antes.

BARÃO – *(voltando a ler o jornal)* Sacrebleu!

MULEQUE – Sacreblé!

BARÃO – Não é sacreblé! É sacrebleu! “Bleu”!

MULEQUE – Bléu!

BARÃO – “Bleu”!

MULEQUE – Blau!

BARÃO – Sacrebleu!

MULEQUE – Sacréblééééú!

BARÃO – *(voltando a ler o jornal)* Incorrigível.

MULEQUE – Incorrigí... Ei! Essa eu entendi!

ZEZÉ – O que você tá fazendo, Muleque?

MULEQUE – Tô tentando ser rico, que nem o Barão!

MALANDRAGEM– Há! Essa é boa! O Barão, rico? *(ri)* O Barão é tão quebrado quanto a gente!

BARÃO – Mais uma vez, Malandragem, sua ignorância torna-se evidente.

MALANDRAGEM– Não tem ignorância nada! Você não tem nada de rico! Ou vai me dizer que tem aí um tesouro escondido e nunca contou pra gente?

- BARÃO** – Minhas reservas são inexistentes, como você bem sabe.
- MALANDRAGEM**– Viu! Você não é rico! Foi o que eu disse.
- BARÃO** – Mas...
- MULEQUE** – Mas...
- BARÃO** – O engano, meu caro, está em achar que ser rico é o equivalente a ter dinheiro.
- MULEQUE** – Como não, Barão?
- ZEZÉ** – A história é a seguinte: Barão era o rico herdeiro de uma longa linhagem de... Herdeiros. O dinheiro de sua família era tanto, e tão antigo, que nunca ninguém nela se deu ao trabalho de checar de onde ele veio ou pra onde ele ia. E se alguém sabia como ser rico, esse alguém era o Barão!
- BARÃO** – É simples e evidente: ter dinheiro é fácil, qualquer um pode fazer isso. Ter dinheiro não significa que você é rico.
- ZEZÉ** – Pra ser rico, é preciso ter várias habilidades nas quais o Barão é um mestre!
- BARÃO** – (*demonstrando*) Primeiro, é preciso andar como se você estivesse sempre usando o seu melhor casaco, e como se seus sapatos fossem feitos de diamantes e não pudessem tocar o chão, mas como se você não ligasse pra isso.
- ZEZÉ** – Também é preciso falar palavras compridas e bonitas, como "idiossincrasias"!
- MALANDRAGEM**– "Intempéries"!
- BARÃO** – "Intermitentes"!
- ZEZÉ** – Pronunciando muito bem todas as consoantes, mas como se não ligasse realmente para isso.
- BARÃO** – O mais importante é sempre parecer ligeiramente entediado, não importa o que aconteça.
- ZEZÉ** – Senhor Barão, faremos hoje um banquete em sua mansão, para trezentos convidados!
- MALANDRAGEM**– Senhor Barão, lavei o seu jatinho! Ele está abastecido e pronto para leva-lo para passear nas ruas de Dubai!
- MULEQUE** – Senhor Barão, trouxemos estas rosquinhas de coco salpicadas à ouro, especialmente para o senhor!

Barão suspira, entediado.

- MULEQUE** – Uau! Você é muito bom nisso!
- BARÃO** – Anos de prática.
- MALANDRAGEM**– E assim foi vivendo Barão: comprando uma ilha paradisíaca aqui,reddecorando um palácio acolá...
- ZEZÉ** – Dizem que, uma vez, para impressionar uma princesa indiana pela qual estava apaixonado, Barão mandou construir em seu quintal uma réplica do Taj Mahal!
- BARÃO** – Princesa Lakshmi, que saudades...
- MALANDRAGEM**– O que Barão não esperava é que, de um dia pro outro, o contador da família, que cuidava das finanças, fugisse com todo o seu dinheiro. Barão estava lendo seu jornal em sua varanda, quando tocou o sino para pedir mais chá.
- ZEZÉ** – Ninguém apareceu.
- MALANDRAGEM**– Após algum tempo, homens vieram e levaram seus quadros, seu piano, seu sofá. Só então percebeu o que tinha acontecido.
- ZEZÉ** – Assim que percebeu que virara um Fantasma...
- MALANDRAGEM**– Seus amigos da alta sociedade, de repente, não mais o enxergavam.
- BARÃO** – Nem os bancos, nem o pessoal do jockey club.
- ZEZÉ** – ...mudou-se imediatamente para o beco atrás da mansão, onde continuou lendo seu jornal, andando como se tivesse sapatos de diamantes e pronunciando palavras bonitas com todas as consoantes bem articuladas, como antes.
- MULEQUE** – Você não pensou em arrumar um trabalho?
- BARÃO** – O que mais eu poderia fazer? Sei ser rico, e só.
- MULEQUE** – Mas você não sente de falta de nada?
- BARÃO** – É claro que eu não reclamaria se, por ventura, voltasse a ter um iate. Ou uma casa de praia em Bora Bora. Ou um Rolls Royce na garagem. Ou até mesmo uma garagem. *(olhando para os Fantasmas)* Mas estou bem. Era rico antes, continuo rico agora.

Cena VI – Toda criança é rei ou rainha

Todos voltam aos seus afazeres. Zezé começa a varrer uma quantidade cada vez maior de panfletos de despejo. Barão volta a ler seu jornal. Malandragem sai de seu latão, carregando uma

caixa de engraxate, acompanhado por Muleque. Zezé lava o rosto. Barão pratica golfe. Mais panfletos começam a aparecer, brotando por todo canto. Alguns dizem, em letras garrafais, “ÚLTIMO AVISO”. Zezé passa a lutar contra a profusão de panfletos. Barão, alarmado, a auxilia. Malandragem entra carregando um saco cheio de reciclagem, larga-o no chão e se junta aos outros dois na cômica luta contra os panfletos. Conseguem, a muito custo, colocar todos os panfletos dentro do saco de Malandragem. Entroolham-se preocupados. Muleque entra carregando um caixote de feira, recheado de frutas e verduras.

MULEQUE – Olha o chuchu! Quem vai querer maçã? A senhora aceita uma cenoura, um tomate? Têm de tudo, é só escolher!

ZEZÉ – Mas que fartura!

MALANDRAGEM– Parece um baú de tesouros!

ZEZÉ – Tem tanta coisa bonita, fresquinha! Olha, tem até morangos!

BARÃO – Fabuloso! Vieram com chantilly?

MULEQUE – Não tinha chantilly na feira...

BARÃO – Uma pena. Ainda assim, fabuloso!

MALANDRAGEM– Onde você encontrou todas essas belezuras? No lixo?

ZEZÉ – Caíram de um caminhão?

MULEQUE – Nada disso! Eu ganhei!

Zeze, Barão e Malandragem– Ganhou?

ZEZÉ – De quem?

BARÃO – Como?

MALANDRAGEM– Quando?

BARÃO – De quem?

MALANDRAGEM– Como?

ZEZÉ – Quando?

Os Fantasmas continuam alternando as três perguntas, perplexos, até que Muleque se cansa e os interrompe.

MULEQUE – Calma, gente. Eu explico. Foi a moça da feira quem me deu.

MALANDRAGEM– Uma moça? Não outro Fantasma?

MULEQUE – Uma moça não-Fantasma!

BARÃO – Extraordinário!

MALANDRAGEM– E ela te deu isso em troca de quê?

MULEQUE – De vez em quando eu vou na feira, pra ver se tem alguma comida que sobra, alguma fruta meio amassada ou uma alface de ontem. Essa moça tá sempre lá, numa barraca no canto. No início eu pensei que era invenção minha, mas, de vez em quando, eu achava que ela podia me ver.

ZEZÉ – Ela consegue enxergar Fantasmas?

MULEQUE – Sim!

BARÃO – Essa é uma qualidade muito rara. Mas ela realmente te viu?

MULEQUE – Viu sim! Ela primeiro sorriu pra mim...

ZEZÉ – E o sorriso era bonito?

MULEQUE – Muito! Ela é mais bonita do que a Princesa Lakshmi!

BARÃO – Acho improvável...

MULEQUE – Mas ela é! Bonita e boa. Eu ajudei ela a carregar uns caixotes e, em troca, ela me deu isso tudo. Disse que era o meu salário!

ZEZÉ – Que maravilhoso! *(para Malandragem, que estava emburrado em um canto)* Qual o problema, Malandragem? Não gostou da história?

MALANDRAGEM– Lição número 3: se esconder!

MULEQUE – Mas eu tomei cuidado! Ela não usava uniforme!

MALANDRAGEM– Você tem certeza? Olhou direitinho? O uniforme podia estar escondido, dentro da bolsa...

MULEQUE – Sim, tenho certeza!

MALANDRAGEM– *(examinando o caixote com desconfiança)* Ainda assim, é arriscado.

MULEQUE – E por que seria?

ZEZÉ – Não liga não, Muleque. O Malandragem desconfia de todo mundo que não é Fantasma.

BARÃO – Isso é verdade.

MALANDRAGEM– Desconfio porque quem não é Fantasma, quase nunca trata a gente bem!

BARÃO – Isso também é verdade.

MULEQUE – A moça da feira é boa! Eu sei disso!

MALANDRAGEM– Como pode ter certeza disso? *(apanhando um dos panfletos)* Pode ser uma armadilha dos homens de uniforme...

ZEZÉ – *(tomando o panfleto)* Malandragem!

BARÃO – *(sussurrando)* O menino não precisa saber disso.

MULEQUE – Saber do quê?

BARÃO – *(disfarçando)* Muleque, após muito confabularmos, discordarmos e negociarmos, chegamos à conclusão que, como você é o portador desse tesouro, cabe a você, e unicamente a você, decidir o que irá fazer com ele.

MALANDRAGEM– Quando foi que concluímos isso?

BARÃO – Agora mesmo.

ZEZÉ – Você tava emburrado num canto e não prestou atenção.

BARÃO – Então, Muleque? O que nos diz?

MULEQUE – *(olhando para Amigão)* Conferência! *(discute com o cachorro por alguns instantes, toma uma decisão)* Então, após muito conversarmos e discutirmos e não lembro resto, tomamos uma decisão: lição número 4: dividir!

BARÃO – Esplêndido! Zezé, qual será o menu du jour?

ZEZÉ – *(jogando todos os legumes em seu latão)* Sopa!

MALANDRAGEM– Que gostoso!

ZEZÉ – Será um banquete!

Os Fantasmas improvisam uma mesa para ceia. Zezé serve a sopa.

BARÃO – E no local de honra, teremos Muleque!

MULEQUE – Eu? Mesmo?

MALANDRAGEM– Claro! A comilança de hoje é por sua causa!

ZEZÉ – E por nos trazer tanta alegria, hoje e nos outros dias, é com muita honra que lhe coroamos Rei dos Fantasmas!

MULEQUE – Mas eu não posso ser rei! Eu sou só uma criança!

BARÃO – Exato!

ZEZÉ – Toda criança nesse mundo, Fantasma ou não, é rei ou rainha!

MALANDRAGEM– Um brinde ao Muleque, Rei dos Fantasmas! Viva o rei!

Zezé, Barão e Malandragem – Viva!

Cena VII - Como deixar de ser um Fantasma

Os Fantasmas brindam e se acomodam para dormir: Malandragem em seu Latão, Barão em seu caixote e Zezé, acomodada embaixo de uma coberta, ao lado de Muleque.

- MALANDRAGEM** – Boa noite, Zezé!
ZEZÉ – Boa noite, Malandragem. Boa noite, Barão!
BARÃO – Boa noite, Zezé. Boa noite, Muleque!
MULEQUE – Boa noite, Barão. Boa noite, Malandragem!
MALANDRAGEM – *(irritado)* Boa noite pra todo mundo!
TODOS – Boa noite!

Barão e Malandragem logo dormem, formando um estranho concerto de roncos.

- MULEQUE** – Zezé, tá acordada?
ZEZÉ – Claro, Rei Fantasma! O que você precisa?
MULEQUE – Aquele dia, quando eu cheguei. Quando vocês me contaram que eu era um Fantasma, você se lembra?
ZEZÉ – Lembro sim! Você levou um baita susto!
MULEQUE – Naquele dia eu perguntei se tinha como a gente deixar de ser Fantasma... Você começou a responder, mas aí...
ZEZÉ – Nossa, que sono! É melhor a gente ir dormir também!
MULEQUE – Zezé, por que você não quer me contar?
ZEZÉ – Por que você quer saber? Aqui, com a gente, não tá bom pra você?
MULEQUE – Tá sim! Mas eu fico pensando... Se não existe...
ZEZÉ – Se não existe... Mais?
MULEQUE – faz que sim com a cabeça.
ZEZÉ – É por isso que eu não quero te contar, Muleque. Querer mais é perigoso! Ainda mais quando o que você mais quer é tão difícil... Você pode se decepcionar.
MULEQUE – Ainda assim... Eu preciso saber.

Zezé reflete. Malandragem ronca mais alto. Zezé suspira. Aponta para um caixote.

- ZEZÉ – O que é aquilo?
- MULEQUE – Um caixote...
- ZEZÉ – E aquilo ali?
- MULEQUE – Um latão.
- ZEZÉ – E essa outra coisa?
- MULEQUE – Um cobertor! Zezé, que conversa estranha. Não tô entendendo você!
- ZEZÉ – Pensa bem, meu Muleque: todas essas coisas existem, como eu e você. Mas o que faz com que os outros reconheçam essas coisas? Que saibam, mesmo que nunca tenham visto esse latão, que ele é um latão? (Pausa) Um **nome**! Todas essas coisas são reconhecidas porque tem um nome! E é isso o que é necessário pra deixar de ser Fantasma: ganhar um nome e um sobrenome. E não digo um nome inventado, como Zezé, ou Barão ou Muleque. Digo um nome de verdade.
- MULEQUE – E como eu sei que um nome é um nome de verdade?
- ZEZÉ – Quando um nome é de verdade, você o tem escrito num documento. E aí os outros passam a te reconhecer.
- MULEQUE – Até mesmo os homens de uniforme?
- ZEZÉ – Até eles.
- MULEQUE – *(boceja)* Um dia, eu vou ter um nome de verdade, Zezé! E vai ser o nome mais lindo! E ainda volto pra arranjar um pra você, e um pro Barão, e... *(adormece)*
- ZEZÉ – Quem sabe um dia, meu Muleque? Quem sabe.

Cena VIII – Lição número 3

Zeze aninha-se perto de Muleque e adormece. Alguns segundos depois um forte barulho de sirenes faz com que todos acordem, assustados.

- ZEZÉ – O que tá acontecendo?
- MALANDRAGEM– *(espiando longe com sua luneta)* Os homens de uniforme! Estão lá fora!
- ZEZÉ – Como nos descobriram aqui?
- BARÃO – Não importa, não sairemos! Podemos enfrentá-los!
- MALANDRAGEM– São muitos! *(olhando para Muleque)* É perigoso.

ZEZÉ – Temos tempo de fugir?

A sirene se faz ouvir mais forte. Começa uma revoada de panfletos.

MALANDRAGEM– Não dá tempo! Mas podemos distraí-los!

BARÃO – Boa ideia! (*para Zezé*) Rápido, esconda o garoto!

Barão e Malandragem pegam apressadamente alguns pertences. Zezé faz com que Muleque e Amigão entrem no caixote da feira.

ZEZÉ – Muleque, lição número 3: se esconder! Você e Amigão não façam barulho nem saiam daí até não ouvirem nenhum barulho aqui fora, entendeu?

MULEQUE – Mas e vocês?

BARÃO – Não se preocupe conosco! Apenas se esconda!

Um holofote ilumina o esconderijo dos Fantasmas!

MALANDRAGEM– (*cobrindo Muleque com a coberta*) Agora!

Muleque se esconde. Os Fantasmas correm, em meio há barulhos de sirene. Muitos panfletos revoam sobre o esconderijo.

Cena IX – A escolha de Muleque

Silêncio. Muleque e Amigão, ainda dentro do caixote, tiram a cabeça debaixo da coberta.

MULEQUE – Acho que já podemos sair... Olá! Tem alguém aí? Barão? Malandragem? Zezé... (*começa a chorar*) Não precisa ter medo, Amigão. Eles vão distrair os homens de uniforme e vão voltar, você vai ver. Enquanto eles não chegam, eu te protejo. Eu sou o Rei dos Fantasmas, não sou? Sei comer, me aquecer, me esconder e dividir...

*(cantando) Na rua a gente é livre
pra fazer o que quiser
Seja homem ou mulher,
como um rei a gente vive!*

(para Amigão) ué, Amigão, o que é isso na sua boca? O que você achou aí, no fundo do caixote? (mostrando uma carteira de identidade) Um

documento! É isso! Com esse documento eu vou ter um nome! Um nome de verdade! E aí vou poder enfrentar os homens de uniforme, e ajudar os Fantasmas, e... *(ouve um latido imaginário)* Foto? Que foto? *(examinando a foto do documento)* É a moça da feira. É o nome dela. Ela foi tão boa com a gente, não foi? Não posso usar o nome dela. Mas, se a gente tivesse um nome, mesmo que o nome de outra pessoa, a gente deixaria de ser Fantasma! *(latido imaginário)* Você tá certo. A gente não é ladrão, nem de latão, nem de documento. O dia já tá nascendo, vamos na feira. A gente vai devolver o documento pra moça.

Cena X – Carolina

Muleque sai de cena. Entram os atores que interpretam Zezé, Malandragem e Barão, comonarradores.

ZEZÉ – Muleque não voltou ao esconderijo dos Fantasmas por muito tempo. Depois que ele encontrou a moça bonita na feira e devolveu seu documento a ela, muita coisa mudou.

BARÃO – Para ele e para a moça! Ela, que já se encantara por Muleque há muito tempo, ficou muito impressionada com a sua honestidade. Muleque e Amigão foram morar com a moça, a quem passaram a chamar de outro jeito: mãe.

ZEZÉ – Ao contrário da outra mãe, essa era mesmo muito bondosa. Muleque não só voltou a ter uma casa, mas uma casa cheia de amor.

MALANDRAGEM– A moça também passou a chamar Muleque de um outro jeito. Levou-o a um grande prédio, onde Muleque aprendeu que existem homens e mulheres de uniforme que são bondosos e gentis.

BARÃO – Pessoas que, como moça da feira...

MALANDRAGEM– Moça, não! Mãe!

BARÃO – Desculpe-me, ainda não me acostumei. Pessoas que, como a mãe e Amigão, conseguiam enxergar os Fantasmas. Essas pessoas deram ao Muleque um documento, com um nome e um sobrenome só dele!

Muleque entra em cena, muito limpo e vestido como uma menina.

MULEQUE – Carolina Gonçalves Martins.

ZEZÉ – Olha só! Parece que, debaixo de toda aquela sujeira, o Muleque era, na verdade, muleca!

MALANDRAGEM– Mais bela do que a princesa Lakshmi!

- BARÃO** – E com nome de princesa também!
- CAROLINA** – Depois de muito insistir, Carolina convenceu a mãe a levá-la para o esconderijo dos Fantasmas. Na casa das duas, havia espaço para Zezé, Barão e Malandragem! Mas, chegando lá, não encontrou ninguém...
- ZEZÉ** – Não havia nem o latão de Malandragem...
- MALANDRAGEM**– Nem a xícara de Barão...
- BARÃO** – Nem a coberta de Zezé. Na porta, havia um grande cartaz, em que se lia, bem grande: “EM BREVE, NOVA LOJA”
- CAROLINA** – Carolina insistiu, conversou com as pessoas que passavam por perto, e com os operários da loja. Descreveu os Fantasmas para todos, perguntou se alguém tinha visto-os por aí. Todos respondiam a mesma coisa...
- Barão, Zezé e Malandragem** – “Nunca vi ninguém assim por aqui.”
- CAROLINA** – A mãe disse para Carolina que, talvez, os Fantasmas não tivessem realmente existido. Ou melhor: eles tinham existido, mas só na cabeça da Carolina.
- ZEZÉ** – Será?
- BARÃO** – Não sei ao certo. Quem sabe?
- MALANDRAGEM**– Eu não sei.
- BARÃO** – Eu também não.
- CAROLINA** – Pensando bem, faz diferença?

Todos começam a cantar e dançar, brincando entre si e com a plateia.

FIM

PEDRO

Texto de Adailton Alves Teixeira

PERSONAGENS

Um ator e uma atriz representam Pedro e todas as demais personagens.

CENÁRIO

Ao fundo da cena vemos um painel, que representará todos os ambientes: fazenda, casa etc.

Os dois entram cantando e tocando uma música de chegada.

O figurino do Pedro será a base; os demais personagens serão representados por adereços e algumas peças de roupas.

PRÓLOGO

ATOR/ NARRADOR – Senhoras e meus senhores
Venho aqui para narrar
A história de um homem
Cabra esperto pra danar
Seu nome já vou dizer
Antes que ele possa falar (*ator põe a boina*). *Toda a transformação de Pedro se dá ao colocar a sua boina, e as demais personagens com adereços e peças de roupas.*

ATRIZ/ NARRADORA – Tá`qui, Pedro Malasartes
Ser mais esperto não há
Enrola a todo mundo
Nós vamos lhes mostrar
Assista a nossa história
Pois ela já vai começar

ATOR/ NARRADOR – (*tirando o chapéu*)
Vamos começar falando
Do dia do seu nascimento
Que ninguém sabe qual é
Mas, nós vamos inventando
E se nós vamos criando
Cês fingem tá acreditando!

ATRIZ/ NARRADORA – (*Se destacando*)
Nós não sabemos ao certo, nem dia,
Nem hora de seu nascimento
Mas há quem diga que, na hora exata,
Sua mãe gritou num lamento
E o menino nasceu!

ATOR/ NARRADOR – Outros dizem que a mãe nem percebeu
Quando o menino nasceu!
Não que tivesse conversando,
Nada! Estava era dormindo.

E dizem que o menino já nasceu
Andando e falando!

ATRIZ/ NARRADORA – Vige Maria! Minha Mãe!
Que belo arremedo
Pois me disseram
Que ele nasceu de um peido!

ATOR/ NARRADOR – Há quem diga que Pedro, simplesmente apareceu!

ATRIZ/ NARRADORA – Porque Pedro pode ser eu!

ATOR/ NARRADOR – Chega de tanto auê!...

ATRIZ/ NARRADORA – Pedro pode ser você!

ATOR/ NARRADOR – Essas histórias é porque, na verdade, Pedro não tem pai.

ATRIZ – Ahn, isso não! É claro que ele tem pai, ele não nasceu do Espírito Santo!

ATOR/ NARRADOR – Pedro um dia perguntou pra sua mãe sobre o seu pai. (*Transformação do ator em Pedro e a atriz na mãe de Pedro.*) Oh mãe, quem é meu pai, hein?

MÃE DE PEDRO – Ih minino, que pergunta difíci! (*Pensa*) Oi qui eu acho qui pode sê o Zeferino ou o Raimundo... mas tombem pode ser intê o coroné ou o Neco... Oi meu fio, eu nunca fui santa, né? Intão pode ser mermo do capataz ou intê do padre....

PEDRO – Do padre, mãe?!?!

MÃE DE PEDRO – Não! Acho qui num é do padre não! Ôi teu pai pode ser o Quinzinho... Mas também vai perguntar isso agora. bom teupai pode ser...

PEDRO – (*Cortando desconsolado*): Deixa prá lá!...

ATRIZ/ NARRADORA – Minha gente, por se tratar de dados muito obscuros é melhor seguirmos adiante.

ATOR/ NARRADOR – É melhor mesmo! Até porque há quem defenda que Pedro pode ter caído do céu...

ATRIZ/ NARRADORA – Outros dizem que ele subiu do inferno!

MÚSICA (*Os dois cantam juntos. Em alguns momentos intercalam o canto.*)

Essa é a história de Pedro
De Pedro Malasartes
Que engana a todo mundo
Com engenho e arte

Pedro, pra muitos é maldito!

Pedro, pra outros é bendito
E fica o dito por não dito
Pedro, é o bem maldito

Pedro é um enrolador
Pedro é um namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor

PEDRO – Eu só quero comer, beber e ter um grande amor!

ATRIZ/ NARRADORA – Pedro saiu de casa muito moço e só levava consigo uma panela. Só que ele não tinha nada pra cozinhar. Mas Pedro é um cabra esperto...

PEDRO – *(arrumando a cena. Depois bate palmas)*: Oh, de casa!

SENHORA – *(do fundo)*: Quem é?

PEDRO – Um amigo!

SENHORA – Amigo de quem?

PEDRO – Ah! , sou amigo de todos!

SENHORA – E o que você quer, amigo de todos?

PEDRO – Eu queria um favor!

SENHORA – Aqui não tem favor pra dar não!

PEDRO – Água não se nega, minha senhora.

SENHORA – Se é água que você quer, pode pegar lá no riacho.

PEDRO – Ah, obrigado! É só um pouco pra fazer uma SOPA DE PEDRA.

SENHORA – *(Com interesse)*: Como é que é? Você vai fazer o quê?

PEDRO – Vou fazer uma sopa de pedra.

SENHORA – Olha aqui, meu filho, eu já sou bem velha... quero dizer, eu já tenho uma certa idade e nunca ouvi dizer que se fizesse sopa de pedra!

PEDRO – Ah! Mas se faz. E é muito boa!

SENHORA – Você pensa que eu sou besta, é?

PEDRO – Não senhora, eu não pensaria uma coisa dessas. E olhe, já que a senhora foi tão gentil, me deixando pegar água em seu riacho, eu vou fazer a sopa e lhe dou um pouco.

SENHORA – É mesmo? Eu vou poder experimentar?

PEDRO – Claro! Eu não negaria um prato de comida a ninguém! Só aguarde um pouco enquanto eu vou pegar água lá no riacho...

SENHORA – Não! Imagina, eu pego a água pra você.

PEDRO – Obrigado! *(Entrega a panela)*

SENHORA – *(Pegando a panela)*: Eu posso aprender como você faz?

PEDRO – Claro, pois não!

SENHORA – Então eu vou pegar a água. *(vai se dirigindo ao fundo)*

PEDRO – Se a senhora pudesse trazer um pouco de sal também, é que eu estou sem nada.

SENHORA – Ahh!! Sal é?

PEDRO – Só um pouquinho, enquanto isso vou preparando o fogo.

SENHORA – Tá eu trago a água e o sal. *(Do fundo em aparte pra platéia.)* Eu vou aprender a fazer essa sopa pra fazer pros meus peões, eles comem muito.

PEDRO – *(ao público)*: Velha muquirana!

SENHORA – *(Voltando com a água e o sal)*: Aqui está.

PEDRO – *(Depositando as pedras, a água e o sal na panela. O fogo já está pronto)*: Agora é só colocar e aguardar.

SENHORA – Demora muito?

PEDRO – Bom a pedra é dura, né! Então é um pouco demorado, mas fica uma delícia!

SENHORA – É bom mesmo, é? E a receita é só isso? Água, sal e pedra? É tão simples!

PEDRO – É. É simples! Agora ficaria muito mais gostoso se tivesse um pouco de coentro, aí sim, viu! Humm!!

SENHORA – Coentro, é?

PEDRO – Realça o sabor da sopa.

SENHORA – Eu tenho coentro... eu podia pegar.

PEDRO – Não! Assim já tá bom! Agora se quiser... ficará mais delicioso!...

SENHORA – Eu vou pegar.

PEDRO – A senhora pode trazer um tomate também?

SENHORA – Tomate?

PEDRO – Vai ficar divino! Humm! A senhora vai querer tomar sopa de pedra todos os dias.

SENHORA – É?!!

PEDRO – Tá acompanhando a receita, né?

SENHORA – Sim, sim!

PEDRO – Pois então! Logo, logo fica pronto.

SENHORA – (*empolgada*): Eu vou buscar.

ATOR/ NARRADOR – E assim, Pedro fez a velha trazer tudo que ia numa sopa. (*A senhora vai trazendo coisas*). E quando a sopa estava pronta eles tomaram.

SENHORA – Ah! Eu vou pegar os pratos.

PEDRO – Isso! Ótimo!

SENHORA – Aqui.

PEDRO – (*Colocando a sopa*): Aqui pra senhora e aqui pra mim. E agora vamos tomar. (*Tomam um pouco*) Bom, não é mesmo?

SENHORA – Nossa! Muito bom!

PEDRO – Quer mais um pouco? (*guarda as pedras*)

SENHORA – Oh, seu moço e você não vai comer as pedras não?

PEDRO – (*pegando a panela e terminando de engolir o resto da sopa do prato*):E a senhora pensa que eu sou besta, é?(*Sai correndo*).

SENHORA – Quer dizer então... que a besta sou eu? Ah, seu maldito! (*Corre atrás*)

ATOR/ NARRADOR – E Pedro se mandou. Ele ficou bem feliz por ter enganado aquela velha muquirana, que estava pensando em economizar com a sopa de pedra. A velha aprendeu uma boa lição. E logo ali na frente Pedro irá aprontar mais uma.

ATRIZ/ PEDRO – É, aquela sopa não matou muito a minha fome, não. A panela ainda tá um pouco quente, mas não tem nada pra cozinhar. (*ouve um catarolar*.) Opa, o que é isso?

ATOR/ HOMEM – *(Cantarola)*

PEDRO – *Aí vem a solução dos meus problemas. (Arruma tudo como se tivesse cozinhando sem fogo. Sopra.)*

HOMEM – *(Pára. Acha estranho, anda em volta. Fala para o público.):* Que esquisito!

PEDRO – Oh, como vai? Estava aqui cozinhando nem tinha lhe percebido!

HOMEM – Mas... cozinhando sem fogo?!

PEDRO – É. Na verdade eu não tô cozinhando porque não tem nada na panela. Mas ela cozinha sem fogo. *(Segredando)* É uma panela sagrada!

HOMEM – Heim?!

PEDRO – É uma panela sagrada.

HOMEM – *(com interesse):* Como assim... panela sagrada?

PEDRO – PA-NE-LA sagrada. Não precisa fogo pra cozinhar.

HOMEM – *(Com mais interesse):* Ah! Que interessante!

PEDRO – Pode pegar.

HOMEM – *(Pegando):* É, tá quente! *(Para o público)* Eu tenho que comprar esta panela. *(Para Pedro)* E você não tem o que colocar nela pra se ver como ela funciona?

PEDRO – Eu não tenho dinheiro pra comprar... eu tô pensando em caçar algum bicho...

HOMEM – Caçar não, você precisa de dinheiro. Dinheiro meu caro! *Aí você vai na venda e compra o que bem quiser. Você me venderia esta panela?*

PEDRO – O quê? Não. Milagre não se vende!

HOMEM – É pena, eu pagaria um bom dinheiro!

PEDRO – Eu poderia trocar.

HOMEM – Trocar?

PEDRO – Trocar por uns R\$ 400,00.

HOMEM – R\$ 200,00.

PEDRO – É um milagre! Só por R\$300,00, menos que isso nada feito.

HOMEM – R\$ 250,00.

PEDRO – Milagre não se negocia. R\$ 280,00 e não se fala mais nisso.

HOMEM – Feito!

PEDRO – *(Para o público):* Ainda bem, a panela já tava quase esfriando. *(Para o*

homem) Então passe o dinheiro.

HOMEM – *(Pagando. Fala para o público):* Fiz um ótimo negócio.

PEDRO – *(saindo e falando ao público.):* É melhor eu me mandar, porque a panela vai esfriar e o negócio vai esquentar.

HOMEM – *(saindo pro lado oposto):* Eu vou ganhar muito dinheiro com essa panela!

ATRIZ/ NARRADORA – E assim Pedro enganou mais um.

HOMEM – *(volta correndo pro lado que Pedro saiu):* Volta aqui seu safado, seu enganador!

MÚSICA Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor!

ATRIZ/ NARRADORA – E depois da sopa de pedra e de vender sua panela sagrada, Pedro pegou o dinheiro e foi comer, pois seu mal era fome! E comeu, e comeu... até o dinheiro acabar! Só que toda aquela comida, toda aquela lambança não lhe fez muito bem, não! Começou a dar um revertério no seu estômago... *(Atriz põe o capuz e se transforma em Pedro)* Aí minha nossa Senhora! Vige minha mãe!... *(corre de um lado para o outro. Acha um local)* Eu vou fazer é aqui mesmo! *(Agacha-se para defecar. Ouve um assobio. Termina e cobre o que fez com um chapéu. Começa a disfarçar imitando um pássaro).*

HOMEM – Tarde, sô!

- PEDRO – Tarde!
- HOMEM – Mai o qui é que o Nhô tem aí?
- PEDRO – Peguei um curió!
- HOMEM – É mermo, sô? Nossa! Mais o curió é bicho difícil de pegar!
- PEDRO – Pois eu peguei um agorinha mesmo, Só que tô sem gaiola.
- HOMEM – Que pessoa de sorte ocê é, heim! Sabe, já qui ocê tá sem gaiola eupoderia comprar seu curió...
- PEDRO – Mas é uma raridade esse pássaro!
- HOMEM – Ué, i eu sei! Mas eu pago bem!
- PEDRO – Quanto?
- HOMEM – Uns R\$ 50,00.
- PEDRO – Mas você não disse que é uma raridade? Então! R\$ 200,00.
- HOMEM – Mas é um pássaro, home, num é um bezerro. R\$ 80,00.
- PEDRO – Um cantador como esse. R\$ 150,00.
- HOMEM – Ói, i eu só quero ajudar... se num quiser... É R\$ 100,00 e nada mais.
- PEDRO – Feito. Passe pra cá o dinheiro e pegue seu curió.
- HOMEM – *(Paga e pega o chapéu):* Ocê, num faria um favor? Pegar uma gaiola lá em casa?
- PEDRO – Onde você mora?
- HOMEM – Logo ali, na primeira casa azul. *(Indica a direção)*
- PEDRO – Pode deixar que eu vou lá buscar. Aguarde aí! *(Retira-se um pouco. Para o público.)* Eu vou é dar no pé, porque esse pássaro além de não cantar vai é feder. *(Sai.)*
- HOMEM – Eita negociação qui eu fiz, gente! Esse Passarim vale uns R\$ 200,00 e pagando barato! E eu num moro em casa azul é nada... Eu vou é pegar o bichinho antes que ele perceba qui foi logrado! *(Vai colocando a mão por baixo do chapéu devagar, até perceber que caiu na esparrela.)* Volta aqui seu fio de uma égua, seu demo! Eu te pego seu safado! *(Corre na direção que Pedro Saiu.)*
- ATRIZ/ NARRADORA – E assim Pedro ia sobrevivendo, sua esperteza era a sua arma. Numa feita encontrou um urubu, que estava com a perna machucada. Pedro cuidou do bicho e o levou consigo, já que estava sozinho no mundo, agora tinha um amigo. Amigo esquisito, é verdade, mas foi muito útil a Pedro. Pedro já andava há uns dois dias e não cruzava com nenhuma alma viva, estava com muita fome, foi quando ele viu uma

casa. Ele subiu no telhado, retirou uma telha e pelo buraco viu tudo: o marido saiu para caçar e a mulher pois-se a cozinhar. Cada coisa gostosa! Ele achou estranho e pôs-se a matutar:

PEDRO – *(No outro canto):* Tanta comida gostosa! Ué, mas se o homem foi caçar... Quero vê pra quem será. Por isso eu vou observar!

ATRIZ/ NARRADORA – E Pedro ficou lá observando enquanto a mulher fazia a comida.

PEDRO – *(A atriz vai preparar-se):* Eu estive aqui pensando, se a comida não é pro marido só pode ser pro... eu já sei o que vou fazer. É hoje que meu urubu, Severino, vai falar e eu vou me fartar. *(O urubu está no ombro de Pedro. Pedro bate palmas.)* Ô de casa!

MULHER – Ô de fora! Quem tá aí?

PEDRO – Sou eu, um amigo!

MULHER – Amigo de quem? *(Aparecendo)* Vá embora, não lhe conheço e estranho aqui não é bem-vindo!

PEDRO – A senhora não pode me arrumar um pouco de comida, viajo a dias e meu estomago já está nas costas. E quem sabe um lugar onde o corpo possa descansar!

MULHER – Olha aqui, meu marido não está, foi caçar. E eu não costumo abrigar Vagabundos e aqui não tem comida nenhuma.

PEDRO – Mas tá um cheirinho gostoso!

MULHER – Mas é um atrevido! Está duvidando de mim, é? Se eu digo que não tem comida é porque não tem.

PEDRO – *(Faz um grasnar):* Não fale uma besteira dessa Severino! *(Para a mulher)* A senhora não repare ele é meio atrevido!

MULHER – Mas quem falou? E quem diabo é Severino aqui?

PEDRO – Este aqui é meu urubu falante, Severino!

MULHER – Há, há, há e agora urubu fala é?

PEDRO – E é adivinho!

MULHER – Há, há, há! Mais essa! Ora vá procurar sua turma!

PEDRO – *(Grasnar):* Ele disse que a senhora tem lá dentro galinha assada, farofa, feijão, arroz, salada e uma deliciosa sobremesa!

MULHER – *(Para o público):* Não é que é adivinho mesmo! *(Para Pedro)* E o que mais ele disse!

PEDRO – *(Grasnar):* Ora, Severino, aí já é demais!

MULHER – O que foi que ele disse!

PEDRO – Não quero nem falar. Mas já que a senhora quer saber. Ele disse que a senhora aproveita quando o seu marido vai caçar pra encontrar com o seu... a senhora sabe. (*Insinua o encontro dela com o amante*)

MULHER – Isso já é uma ofensa! Eu sou uma mulher direita! Ponha-se daqui, vá embora! (*Entra*).

PEDRO – (*Grasnar*): Ele disse que seu marido está voltando, que não foi caçar; anda meio desconfiado...

MULHER – (*Aparecendo*): Aí meu Deus! (*Para o público*) Meu marido não pode ver toda essa comida. (*Para Pedro*) Entre e pode levartoda comida. E faça isso antes que meu marido volte. (*disfarçando*) Porque ele pode não gostar de lhe encontrar aqui. E eu sou uma mulher direita, mas também sou uma pessoa boa e não vou deixar um coitado que precisa passar fome.

ATOR/ NARRADOR – E assim Pedro matou sua fome mais uma vez. E continuou sua jornada mundo a fora esperando encontrar um lugar, em que ele pudesse repousar e não tivesse mais que fugir, nem se esconder. Mas sua fama foi se espalhando, se espalhando...

MÚSICA Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grande amor!

ATRIZ/ NARRADORA – Pedro, nessa sua jornada pelo mundo, encontrou todo tipo de gente. Uma vez chegou a uma casa de um sovina, um mão de vaca, um avarento de primeira, um mão fechada, daqueles que atravessava o mar nadando com um punhado de sal. O sovina pra economizar

casou com uma mulher ingênua, pois dizia ele que mulher de muito saber poderia lhe dar um golpe e levar ou gastar sua fortuna. Além disso, foi morar nos cafundó dos Judas que é pra ninguém lhe visitar. Tudo que o avarento ganhava, ele comprava em moeda de ouro e guardava em um baú. Dizia que era profuturo! Que o futuro não iria pegá-lo desprevinido. Um dia Pedro passou por lá.

PEDRO – *(entrando e dirigindo-se ao público):*
Eita, que tô cansado de andar.
Já andei esse mundão quase todo
E não consigo descansar.
A vida é dura e o jeito é labutar!
Eu queria um pouco de sossego,
Encontrar uma mulher praamar!
Ter uma casa e um jardim pra cuidar.
Mas a vida é dura e o jeito é labutar!
Andando com fé, esperança e batalhando
Um dia eu chego lá!

Mas tem uma casinha ali, vou pedir um gole d`água e um pouco de comida pra seguir viagem! *(Aproximando-se) Ô de casa!*

MULHER – *(Dentro):* Ô de fora! Quem é?

PEDRO – É um amigo!

MULHER – *(Saindo):* Então pode se aproximar, sô! Meu marido num tá, mas Aqui é casa de amigos!

PEDRO – *(Tramando. Para o público):* Receptiva, não? E bonita! *(Para mulher)*
Pois eu encontrei ele agora mesmo!

MULHER – Ele, quem? O meu marido?

PEDRO – É, seu marido! *(Com malícia)* Ele disse que me desse aquilo que está bem guardadinho!

MULHER – Nossa Senhora! É mesmo?

PEDRO – Pois estou lhe dizendo!

MULHER – Então o senhor é o seu Futuro!

PEDRO – Seu Futuro?... *(Caindo em si)* Ah, sim, sou eu mesmo!

MULHER – Então aguarde aqui. Que eu já volto, trazendo o que é seu!*(entrando)*

PEDRO – *(Para o público):* Seu Futuro?! Cada uma que me aparece... Mas se vai me dar alguma coisa é melhor esperar.

MULHER – *(aparecendo com um baú):* T`aqui seu Futuro, todo dia o meu marido põe as moedas nesse baú e vai dizendo: tô guardando pro futuro, quando o futuro chegar não vai me pegar sem nenhum. E finalmente

o senhor chegou.

PEDRO – É, cheguei! Sou eu mesmo. Mas me dê aqui, que eu preciso ir andando... eu ainda tenho outros golpes... quero dizer, outras casas pra visitar.

MULHER – E em que vai gastar tudo isso, seu Futuro?

PEDRO – Em coisas boas para as pessoas que o governo esquece. Agora vou indo.

MULHER – Empregue bem todo esse recurso.

PEDRO – Pode deixar! *(Para o público)* Porque das pessoas que o governo esquece, uma delas, sou eu mesmo! *(Sai.)*

ATRIZ/ NARRADORA – Pedro nunca deu um golpe tão fácil. Não se sabe se Pedro melhorou de vida. O que se sabe é que tem muitos Pedros por aí, querendo viver em paz.

ATOR/ NARRADOR – A fama de Pedro se espalhou por todo o Brasil e mesmo por outros países. Cuidado ao encontrar o Pedro por aí. Mas saiba que o Pedro só quer ser feliz.

MÚSICA Pedro, pra muitos é maldito!
Pedro, pra outros é bendito!
E fica o dito por não dito.
Pedro é o bem maldito!

Pedro é um enrolador
Pedro é namorador
Pedro é um enganador
Pedro é paquerador

Pedro é aventureiro
Ele cisca seu terreiro
Pedro é muito brejeiro
Ele é muito futriqueiro

Pedro, maldito!
Pedro, namorador!
Pedro, brejeiro!

Pedro tem uma grande dor
Pedro quer viver sem rancor
Ele quer viver um grandeamor!

Música Final Vou partir! Até logo
Tem gente me esperando
Deixo um abraço

E sigo cantando
Aguardo vocês
No próximo ano!

FIM

BUMBA, o boi que sabia falar

Texto de Danilo Aworan

PERSONAGENS

CONTADOR DE HISTÓRIAS

JOÃO

BUMBA

MULHER

MARIDO

MARIAZINHA

I – O BOI BUMBA

Sertão vasto, pós-chuva, com sinais de verde. Alguns alecrins no caminho. Ao longe, uma colina.

CONTADOR DE HISTÓRIAS – Essa história que eu vou contar para vocês, é a história de um menino que tinha um boizinho. Mas não era um boi qualquer! Esse boi sabia falar. Isso mesmo! Sabia falar. E falava cada coisa de se espantar. Boi assim, só existia um no mundo inteiro. O nome desse boi era Bumba.

(cantando)

Nasceu numa casinha,
um boi que sabia falar
Falava pra lá e pra cá
coisas que queria
e gostava de conversar

Seu nome era Bumba,
o boi do João
O Bumba era um boi
que cantava até canção

O Bumba era um boi
que falava qualquer coisa
a qualquer hora
Bumba era um boi
que até contava história,

O Bumba era um boi
que gostava de cantar
Bumba era o boizinho
que sabia falar

João e Bumba andam pelo campo em direção à casa de Mariazinha. Eles estão brincando de trava língua.

JOÃO – Olha, esse Bumba!
(como um trava-língua)
O caju do Juca
E a jaca do cajá.
O jacá da Juju
E o caju do Cacá

BUMBA – (como um trava-língua)
O caju do Juca
E a jaca do cajá.
O jacá da Juju
E o caju do Cacá

JOÃO – Mais rápido, Bumba!

BUMBA – (como um trava-língua)
O caju do Juca
E a jaca do cajá.
O jacá da Juju
E o caju do Cacá

JOÃO – Mais rápido!

BUMBA – (como um trava-língua)
O caju do Juca
E a jaca do cajá.
O jacá da Juju
E o caju do Cacá
(falando para João)
Assim vai embolar minha língua. Falta muito?

JOÃO – A casa de Mariazinha fica depois daquela colina. Está vendo? (João aponta para as colinas). Quando a gente chegar lá, as pessoas vão ficar impressionadas com você, Bumba.

BUMBA – Eu estou cansado de todo mundo falando “o boi fala”, “olha o boi que sabe falar”, “não é que ele fala mesmo”, “tá falando, o boi está falando”.

JOÃO – Você sabe como as pessoas gostam de ouvir você falar, Bumba. Não é todo boi que fala. As pessoas ficam curiosas e querem ver de perto. (João vê um alecrim e pega-o) Bumba, olha, um alecrim!

BUMBA – O que é alecrim, João?

JOÃO – É uma flor, igual daquela música “alecrim, alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado”. Vou levar para Mariazinha. Ela vai gostar

BUMBA – Deve ser delicioso. Posso provar?

JOÃO – Não, Bumba. Não é de comer. É para ela, Mariazinha.

BUMBA – Flor para mim é para comer. Se não for para comer, eu não sei o que fazer.

JOÃO – Uma flor, você dá para uma pessoa que você gosta.

BUMBA – Então, me dê que eu como!

JOÃO – Não. Uma pessoa que você gosta muito e que não vai comer a flor.

BUMBA – Ela não vai comer?

JOÃO – Não.

BUMBA – E o que ela vai fazer?

JOÃO – Ela vai guardar. Aí você sabe que a pessoa gosta de você também, porque ela guardou a flor.

BUMBA – Entendi. Mas se você me der, eu vou comer.

JOÃO – Eu não vou te dar, Bumba, eu vou dar para Mariazinha. Eu já disse.

BUMBA – Estou com fome. (Bumba come um pouco do capim) Que gostoso!

João começa a saltitar no campo e colhe alecrins formando um buquê.

JOÃO – (cantando)

Alecrim
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.

Alecrim,
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.

Foi meu amor,
que me disse assim:
Que a flor do campo é o alecrim

Foi meu amor,
que me disse assim:
Que a flor do campo é o alecrim

Bumba começa a cantar junto com João, e enquanto cantam, Bumba come alguns alecrins no chão.

JOÃO E BUMBA – (cantando)
Alecrim
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.

Alecrim,
alecrim dourado
que nasceu no campo
e não foi semeado.

Foi meu amor,
que me disse assim:
Que a flor do campo é o alecrim

Foi meu amor,
que me disse assim:
Que a flor do campo é o alecrim

Bumba come o último alecrim. João e Bumba andam em direção à casa de Mariazinha.

2 – O DESEJO DA MULHER

Numa casa próxima a colina, o Marido está alimentando as galinhas e outros bichos. A Mulher acaba de acordar. Ela está grávida.

CONTADOR DE HISTÓRIAS – Próximo da colina, havia um casal que morava em uma casa que ficava no meio do caminho de Bumba e João para a casa de Mariazinha. Naquele lugar as pessoas não estão acostumadas com um boi que fala. Acho que em lugar nenhum! Ou você vai me dizer que já viu um boi falando por aí, “facinho” assim!?

MULHER – Marido!

MARIDO – Oi, Mulher!

MULHER – Já acordou?

MARIDO – Acordei, sim, Mulher!

MULHER – O que tem pra comer?

MARIDO – Tem pão!

MULHER – Não quero pão, não!

MARIDO – Tem café!

MULHER – Não quero café, não!

MARIDO – Tem cuscuz!

MULHER – Não quero cuscuz também, não!

MARIDO – Tem queijo, pão de queijo, milho, bolo de milho e mandioca.

MULHER – Também não quero, não. Marido!

MARIDO – Oi, Mulher! Minha flor! Meu tudo! Meu pão! Pode pedir o que você quiser, então.

MULHER – O que eu quiser, Marido?

MARIDO – O que você quiser, Mulher.

MULHER – Acordei com uma vontade de comer língua de boi.

MARIDO – Língua de boi? Que gosto estranho!

MULHER – Eu tô grávida, Marido! Coisa de mulher grávida! Eu quero comer a língua de um boi. É meu desejo!

MARIDO – Mas, Mulher, a gente não tem nenhum boi. A gente tem galinha. A gente tem pato. A gente tem até codorna. Mas boi, a gente não tem.

MULHER – Eu sei. Mas eu queria tanto. Estou grávida. E seu filho está com um desejo enorme de comer língua de boi. E você sabe que se a mulher não come quando o desejo vem, a criança nasce com a cara daqui que a mulher não comeu! Você quer que seu filho nasça com cara de língua de boi?

MARIDO – Quero não!

MULHER – Então, Marido!

MARIDO – Para comer a língua de um boi, precisa ter um boi primeiro.

MULHER – Deve ter um boi correndo por aí. Vai caçar!

MARIDO – Mesmo se tiver, não deve ser nosso. Deve ter dono. Boi não anda por aí sozinho. Boi não é préá.

- MULHER** – Deve ter uma fazenda por aí com um boi. Fazenda sempre tem dos montes. São tantos que o fazendeiro nem ia desconfiar que sumiu um. Eu estou com uma vontade enorme de comer uma língua de boi.
- MARIDO** – Não ia? O fazendeiro sabe contar, Mulher. E se sumir um, unzinho que só, pode ter certeza que ele vai saber.
- MULHER** – Marido!
- MARIDO** – Oi, Mulher!
- MULHER** – O que é aquilo que está vindo ali?
- MARIDO** – Onde?
- MULHER** – Ali na colina! Parece um boi!
- MARIDO** – É um boi, mesmo!
- MULHER** – Parece milagre! Meu zóio é bom! De longe eu vi o boi.
- MARIDO** – Tem alguma coisa de junto dele. É pequeno, mas não é bicho. Tem duas patas, mas não é homem. Parece uma criança!
- MULHER** – Vai lá, Marido. E pega a língua daquele boi para mim porque eu estou com uma vontade de comer língua de boi, que seu filho aqui em minha barriga está chutando que só
- MARIDO** – Vou lá pegar aquele boi! É hoje que você vai comer sua língua de boi.
- MULHER** – Marido!
- MARIDO** – O que foi mulher?
- MULHER** – Vai logo que a vontade tá grande!

O Marido vai em busca do boi.

3 – CHEGANDO NA COLINA

João e Bumba estão chegando na colina. Eles continuam brincando de trava-língua.

- JOÃO** – (como um trava-língua)
Debaixo da cama tem uma jarra.

Dentro da jarra tem uma aranha.
Tanto a aranha arranha a jarra,
Como a jarra arranha a aranha.

BUMBA – (como um trava-língua)
Debaixo da cama tem uma jarra.
Dentro da jarra tem uma aranha.
Tanto a aranha arranha a jarra,
Como a jarra arranha a aranha.

JOÃO – Perfeito, Bumba. (João encontra mais um alecrim) Outro alecrim.
Mariazinha vai gostar dos alecrins! O buquê está ficando lindo!

BUMBA – Mariazinha vai gostar (Bumba come um alecrim). Outro?

JOÃO – Outro! (como um trava-língua) Farofa feita com muita farinha fofa faz
uma fofoca feia.

BUMBA – Essa é fácil! (como um trava-língua) Farofa feita com muita farinha fofa faz
uma fofoca feia.

O Marido entra e se aproxima deles. O Marido ouve o boi falar.

MARIDO – Nossa! O boi tá falando? Que boi é esse, falador?

JOÃO – Esse é Bumba, meu boi.

MARIDO – Mas ele fala!

BUMBA – Falo, sim.
(Cantando)
Sou o Bumba
sou divertido
sou bem bonito
e sei falar

Sou o Bumba
gosto de brincar
e conversar
pois eu sei falar

Sou o Bumba
gosto de cantar
Mas é falar,
que eu sei fazer

como ninguém

Sou Bumba!

Não sou zabumba!

Não sou quizumba!

Não sou cazumba!

Não sou cabumba!

Nem catacumba!

Eu sou Bumba!

Sou Bumba!

(falando para o Marido)

E quem é você?

MARIDO – Mas eu nunca vi um boi falar nem cantar. Dá até pena de arrancar a língua dele.

BUMBA – Arrancar minha língua? Ninguém vai arrancar minha língua!

JOÃO – Ninguém vai arrancar a língua de Bumba!

MARIDO – Ah! Mas minha mulher vai adorar a língua de um boi falante. Eu preciso muito da língua desse boi. Minha mulher está grávida e tá com um desejo...

JOÃO – Quem é você?

MARIDO – Eu sou o Marido dela!

JOÃO – Olhe, seu Marido dela, eu não quero saber do desejo de sua mulher, mas a língua de Bumba ninguém vai arrancar.

MARIDO – Eu compro o boi. Podemos trocar por galinhas. Eu tenho muitas delas. Elas botam cada ovo enorme. Ovos do tamanho de um ovo.

BUMBA – Eu não estou à venda.

JOÃO – Ele não está à venda.

MARIDO – Mas não tem nada que você queira pelo boi, menino? Deve ter alguma coisa que você queira trocar por ele.

BUMBA – Eu não estou à troca.

JOÃO – Ele não está à troca. Dá licença que vamos passar. Estamos indo para a casa de Mariazinha. E você já está atrapalhando.

MARIDO – Eu tenho patos também e codornas.

BUMBA – Não queremos seus patos nem suas codornas!

MARIDO – Eu tenho milho! Eu tenho mandioca.

BUMBA – Não queremos seu milho nem sua mandioca!

JOÃO – Vamos, Bumba! Deixe esse Marido dela aí!

Bumba e João saem andando e voltam a caminhar em direção a casa de Mariazinha.

4 – CONTANDO A NOVIDADE

O Marido volta para casa.

MARIDO – Mulher! Mulher!

MULHER – Encontrou o boi?

MARIDO – Encontrei!

MULHER – Ah, minha língua de boi. Não sei se faço ensopado ou se faço frita.

MARIDO – Mas não consegui sua língua.

MULHER – Como? Encontrou o boi e não conseguiu a língua do bicho?

MARIDO – O dono dele não quis me dar nem me vender. E olhe que eu ofereci tudo: galinha, pato, codorna, milho...

MULHER – Não quis? Esses fazendeiros têm boi e não querem vender. Não sei pra quê cria animal!

MARIDO – Não era fazendeiro, não. Era um menino.

MULHER – Um menino! Você não conseguiu tirar um boi de um menino? Mas, Marido!

MARIDO – Ele não quis vender.

MULHER – Tomasse na força!

MARIDO – E pode?

MULHER – Poder não pode, mas a gente faz! Você vai voltar lá e vai pegar minha

língua do boi! Eu vou até já bota a água no fogo que vai ser ensopado!

MARIDO – Hum! Mas vai ficar gostoso se for ensopado, Mulher.

MULHER – Vai mesmo, Marido! Agora, vá pegar minha língua.

MARIDO – Vou sim, Mulher! Minha flor. Eu não sei para onde eles foram. Disseram que iam visitar uma tal de Mariazinha.

MULHER – Mariazinha, sei!

MARIDO – Sabe?

MULHER – Sei! Você também sabe! Mariazinha, filha de Chiquinha, sobrinha de Doquinha, que é neta de Nequim, o dono daquele lugar lá depois do outro lugar lá, passando de frente pra casa de Dôdô.

MARIDO – Ah, lembrei. Mariazinha, filha de Chiquinha, sobrinha de Doquinha, que é netade Nequim, o dono daquele lugar lá depois do outro lugar lá, passando de frente pra casa de Dôdô.

MULHER – É essa, mesmo. Vai pegar minha língua do Boi, vai, que o bebê já tá chutando de novo.

MARIDO – Mulher, já ia esquecendo de uma coisa!

MULHER – Que coisa?

MARIDO – O boi fala!

MULHER – O que?

MARIDO – O boi sabe falar, sabe cantar e tem até nome: Bumba!

MULHER – Mentira!

MARIDO – Verdade! Estou dizendo. O boi dança e roda e sabe fazer brincadeira de palavra com o menino, o dono dele. Fala cada coisa que nem gente.

MULHER – Mentira!

MARIDO – Verdade! O boi que disse que não ia ser vendido

MULHER – Mentira!

MARIDO – Verdade! O boi que disse que não ia ser trocado.

MULHER – Mentira!

MARIDO – Verdade!

MULHER – Eu quero ver isso de perto. Espera que eu vou arrumar o cabelo e vou com você pegar a língua desse boi. Agora que fiquei com mais vontade ainda.

A Mulher e o Marido saem em busca de Bumba.

5 – A ARMADILHA

Numa mata um pouco fechada, com árvores e arbustos.

MULHER – Marido, eles vão ter que passar por aqui para ir ver Mariazinha! Eu vou agarrar o menino, e você prende o boi e o põe dentro do saco. Aí é só arrancar a língua dele.

MARIDO – Eita, Mulher! Que esse boi não sabe o que lhe espera.

MULHER – Um bom ensopado da língua dele.

Ouve-se as vozes de João e Bumba se aproximando.

MARIDO – Eles estão chegando. Se esconde, se esconde.

A Mulher e o Marido se escondem atrás dos arbustos. João e Bumba se aproximam.

JOÃO – (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

BUMBA – Como é que é?

JOÃO – (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

BUMBA – (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O sapo saltando vento

JOÃO – Errou!

BUMBA – Errei nada.

JOÃO – Você falou “o sapo saltando vento”. E era um “o papo saltando vento”.

BUMBA – (como um trava-língua)
Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo saltando vento

JOÃO – Isso, Bumba!

BUMBA – Acertei?

JOÃO – Você falou perfeito! Não embolou a língua nem um pouquinho dessa vez. Eu nunca que ia deixar ninguém cortar sua língua, Bumba.

BUMBA – Eu sei, João! Eu não ia querer que ninguém cortasse minha língua. Eu gosto muito defalar.

A Mulher e o Marido cochicham atrás dos arbustos.

MULHER – Não é que ele está fando mesmo.

MARIDO – Eu não te disse, Mulher. Esse boi fala.

MULHER – Deve ter uma língua enorme. Quando ele chegar mais perto a gente pula e pega ele.

João e Bumba se aproximam mais dos arbustos onde estão escondidos a Mulher e o Marido.

BUMBA – Mas o que o sapo estava fazendo dentro de um saco?

JOÃO – Alguém deve ter colocado ele ali dentro.

BUMBA – Eu nunca ia ficar dentro de um saco.

A Mulher sai do esconderijo e segura João.

MULHER – Você que pensa. Pula em cima dele, Marido!

JOÃO – Me solta!

O Marido sai de trás dos arbustos. O Marido pula em cima de Bumba eo prende.

BUMBA – Ai! João me ajude!

JOÃO – Bumba! Salta ele.

MULHER – Fica quieto menino, senão vai ser pior. A gente só quer a língua do boi.

O Marido amarra Bumba.

MULHER – (para João) Vamos levar o boi. E você não vá fazer nada. Vamos fazer um ensopado com a língua dele.

BUMBA – Não! João, me ajuda!

MULHER – Cala a boca do boi. Olha aqui, menino. Eu te dou um cachorro depois, e logo você para de chorar. Criança sempre gosta de cachorro.

JOÃO – Eu não quero cachorro. Eu quero Bumba. Ele é meu boi. Eu não vou deixar vocês levarem ele

MULHER – Eu já vi que eu vou ter que te amarrar para você ficar quieto. (A MULHER amarra JOÃO) Agora sim, você vai ficar quieto.

JOÃO – Bumba!

A Mulher e o Marido levam Bumba para casa.

6 – O ENSOPADO DE LINGUA DE BOI

A Mulher começa a preparar o ensopado. Enquanto o Marido fica de olho em Bumba, que está amarrado.

MULHER – Hum! A água já está fervendo. Prontinha para o ensopado.

MARIDO – Vai ficar delicioso, Mulher. A gente vai se lambuzar.

MULHER – Agora é só cortar a língua do boi. Traz o boi aqui. Coloca a língua dele para fora.

A Mulher tenta cortar a língua de Bumba. Mas Bumba se recusa a colocar a língua para fora.

MARIDO – Ele não quer colocar a língua para fora, Mulher.

MULHER – Puxa, a língua dele, então!

MARIDO – Ele não deixa. Tá com a boca fechada.

MULHER – Oh, boi! Oh, boizinho! Tenho tanta vontade de comer uma língua de boi.

BUMBA – Você quer comer minha língua? Assim, eu não vou conseguir mais falar.

MULHER – Mas é só um pedacinho. Se você deixar eu comer um pedacinho só de sua língua, você ainda vai poder falar. E eu não vou ficar com o desejo de mulher grávida.

BUMBA – Não.

A Mulher chama o Marido num canto.

MULHER – Marido, vem cá. Assim, a gente nunca vai conseguir arrancar a língua desse boi.

MARIDO – Ele não quer colocar a língua para fora.

MULHER – Você vai fazer cócegas nele, aí eu puxo a língua dele e arranco ela toda.

MARIDO – Toda?

MULHER – Toda! Eu to com muito desejo!

O Marido faz cócegas em Bumba. Ele começa a rir. A Mulher pega a língua dele e a arranca.

MULHER – Consegui!

MARIDO – Ah, Mulher! Você é muito esperta.

MULHER – Agora vou fazer meu ensopado.
(A mulher cozinha o ensopado de língua de boi)
(cantando)

Um ensopado de língua de boi
Cozinhando a língua do boizinho
Vai ficar bem gostosinho
Só precisa de um temperinho

Eu coloco sal,
um pouco de alho,
tomate e cebola,
está pronto o prato

Um ensopado de língua de boi
Cozinhando a língua do boizinho
Vai ficar bem gostosinho
Só precisa de um temperinho

Eu coloco sal,
um pouco de alho,
tomate e cebola,
está pronto o prato

Um ensopado de língua de boi,
Cozinhando a língua do boizinho

A Mulher termina de preparar o ensopado.

MULHER – Pronto, Marido. Vamos comer, o ensopado já está pronto.

MARIDO – O cheiro está maravilhoso!

MULHER – Eu vou lambe os beiços.

A Mulher e o Marido comem o ensopado de língua de boi. Bumba fica fraco e desmaia.

MULHER – Ah, Marido, estou satisfeita.

MARIDO – Eu também, Mulher!

MULHER – Que ensopado delicioso.

MARIDO – Mulher, o boi tá desmaiando.

MULHER – Vixe! Parece que tá morrendo.

MARIDO – Está murcho murcho, caído, arriado, nem abre mais os “zóio”.

MULHER – Eita! Que boi fraco. Só porque perdeu a língua!

MARIDO – Se esse boi morrer aqui, vão dizer que a gente que matou o boi, Mulher.

MULHER – Vixe! Eu não quero essa culpa. Vai levar ele pro dono dele. Pra depois não dizer que foi a gente que matou o boi.

7 – O BUMBA-MEU-BOI

Bumba, que está amarrado.No caminho para a casa de Mariazinha. João ainda está amarrado onde foi deixado.

JOÃO – Meu Bumba! Espero que ele esteja bem agora. Espero que ele tenha fugido!

O Marido leva BUMBA até onde está João. Bumba está desmaiado e bastante fraco, quase morto. O Marido desamarra João.

MARIDO – Aqui, seu boi! A gente está devolvendo ele para você.

JOÃO – Bumba! O que aconteceu?

MARIDO – Ele só perdeu a língua.

JOÃO – O que vocês fizeram? Ele está morrendo.

MARIDO – Não fizemos nada demais. Se ele morrer agora, não é culpa nossa. Eu estou te devolvendo ele ainda vivo. Depois não vá fazer fofoca com meu nome.

JOÃO – Bumba, fala comigo, amigo! Me diz alguma coisa!

O Marido sai. João chora.

JOÃO – (cantando)
Bumba, meu boi
Que eu vi nascer
Agora se foi
O que eu vou fazer
Com quem vou conversar?

Com que eu vou cantar agora?
Com quem vou contar uma prosa,
uma história?
(João chora)
(cont. cantando)
Como poderei viver, como poderei viver
Sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia
(falando com BUMBA)
Bumba, eu não pude te salvar. E agora eu não sei o que fazer

Mariazinha chega e vê João.

MARIAZINHA – João!

JOÃO – Mariazinha!

MARIAZINHA – O que aconteceu? Você demorou muito, então eu vim em sua direção para saber o que estava acontecendo. Você nunca se atrasa!

JOÃO – O Bumba, ele morreu! Arrancaram a língua dele para fazer um ensopado.

MARIAZINHA – Que horrível! Como puderam fazer isso com o boizinho Bumba?

JOÃO – Eu não sei, Mariazinha. Bumba não resistiu e morreu.

MARIAZINHA – Tem gente ruim demais nesse mundo. Não fique assim, João! Não há mais nada que possamos fazer.

JOÃO – Não podemos deixar ele aqui, Mariazinha.

MARIAZINHA – Vamos enterrá-lo.

JOÃO – Vamos cobri-lo de flores.

MARIAZINHA – Flores!?

JOÃO – Sim. Ele gostava de comer flores.

João E Mariazinha pegam flores e colocam sobre Bumba. Mariazinha tira as fitas do laço do cabelo e enfeita os chifres de Bumba. Bumba fica cheio de flores coloridas e fitas.

MARIAZINHA – Ele está bonito, João.

JOÃO – Está sim, Mariazinha. Mas eu preferia que ele estivesse aqui comigo, vivo,

conversando, cantando, falando.

MARIAZINHA – Vamos cantar uma música.

JOÃO – Ele gostava de cantiga de roda.

MARIAZINHA – Eu conheço uma.
(cantando)
Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado
Foi meu amor,
Que me disse assim,
Que a flor do campo
Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
é o alecrim
Sem ser semeado
Foi meu amor,
Que me disse assim,
Que a flor do campo
é o alecrim

João coloca o buquê de alecrim sobre Bumba. Bumba começa a se mexer.

MARIAZINHA – Ele está se mexendo, João!

JOÃO – O que está acontecendo?

MARIAZINHA – Eu não sei.

As flores viram uma roupa bastante colorida. Bumba fica colorido e enfeitado como um bumba-meu-boi.

JOÃO – Bumba, meu boi!

MARIAZINHA – Ele voltou a viver.

JOÃO – É um milagre.

MARIAZINHA – Um milagre lindo!

Bumba começa a rodar e dançar.

JOÃO – Ele não pode falar, mas pode dançar, Mariazinha. Veja!

CONTADOR DE HISTÓRIAS – (cantando)
Arrancaram a língua do boi
E o boi parou de falar
Arrancaram a língua do bozinho
E o boi parou de cantar

Não sabiam, o seu João
que o boi era encantado,
E pensaram que ele tinha
se torando um boi finado

Mas bastou um pouco de amor
E o boi ressuscitou
Pra fazer a dança
E a gente a cantoria

Agora, o boi ressuscitou
Todo enfeitado e colorido
Venham ver o boi dançar
Venham ver o boi bumbá

Bumba-meu-boi bumbá
Bumba-meu-boi bumbá,
Bumba Bumba-meu-boi bumbá,

Bumba-meu-boi bumbá
Bumba-meu-boi bumbá, Bumba
Bumba-meu-boi bumbá,

Toca a zabumba,
toca a matraca
que esse boi
não cansa de dançar

bate o tambor
canta e roda
pois essa dança
nunca vai parar

Bumba-meu-boi bumbá

Bumba-meu-boi bumbá, Bumba
Bumba-meu-boi bumbá,

Bumba-meu-boi bumbá
Bumba-meu-boi bumbá, Bumba
Bumba-meu-boi bumbá,

Todos dançam e cantam ao som da música.

FIM

os **n**úmeros e a vida

peça infanto-juvenil para todas as idades em 11 quadros decrescentes

Texto de Fernando Cesar Kinas

FIGURAS EM CENA

- 1084** – 13 anos, preferencialmente do sexo masculino
- 3,14159**– 13 anos, preferencialmente do sexo masculino
- 2-3-5**– 13 anos, sexo indiferente
- 0 à esquerda** – 14 anos, sexo indiferente

Local e tempo

a ação se passa no mundo, nos dias atuais.

o espaço cênico, a iluminação e os figurinos não devem ser realistas. embora tudo seja muito real.

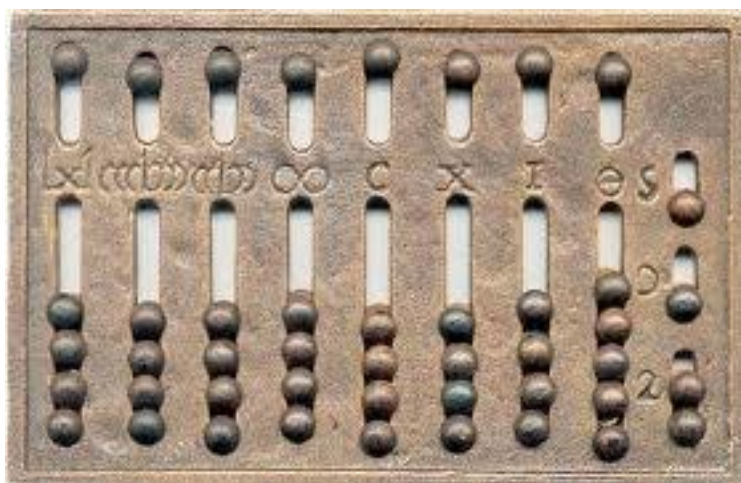
um ábaco, em grande escala, pode ser utilizado como elemento cenográfico. a beleza do instrumento, sua utilidade no jogo cênico e a pertinência temática justificariam o uso.

para as demonstrações matemáticas e a apresentação de imagens é possível usar recursos simples, como um flip chart, ou equipamentos mais complexos de projeção.

o elenco pode usar camisetas com os nomes das personagens estampados, ajudando a identificação.

as ilustrações e outras imagens utilizadas neste texto são meramente ilustrativas, podendo ser substituídas ou suprimidas conforme as necessidades da montagem.

todo o texto, com raras exceções, é escrito em minúsculas



ábaco mesopotâmico inventado em torno de 2400 a.C.

CENA 10

[todas as figuras estão em cena. 1084 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.]

1084- vamos começar?

meu pai não mora mais comigo. eu tenho várias fotos dele. [mostra um celular]

minha mãe disse que ele tá vivo e que passa bem. na cadeia.

ele cometeu um crime que ninguém quis me contar qual era.

nem a minha mãe. nem meu tio, que também foi preso.

meu tio estava do lado certo, diz a minha mãe.

eu já perguntei mais de uma vez qual é o lado certo e qual é o lado errado.

e porque meu pai tava do lado errado.

eles dizem que eu ainda não tenho idade pra entender.

bobagem!

eu já ouvi eles falando sobre ditadura, tortura, censura e até de morte.

eles acham que eu não sei de nada, porque eu sou a - do - les - cen - te.

bobagem!

meu tio disse que vai me dar um livro de presente quando eu fizer quinze anos.

ele não quis dizer o nome do livro, senão eu acho na internet. [*mostra o celular*]

nesse livro, ele disse, eu vou encontrar a resposta.

nesse livro, ele disse também, eu vou descobrir uma parte da história do meu pai.

que mistério!

CENA 09

[3,14159 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.]

3,14159 – olá!

eu tenho uma memória fantástica, sabiam?

vamos lá: 3,14159 26535 89793 23846 26433 83279 50288 41971 69399
37510 5820974944 59230 78164 06286 20899 86280 34825 34211
70679 82148 08651 32823 06647

legal, não é?

[*olha para 1084, procurando confirmação. 1084 dá de ombros como quem diz “sei lá”*]

3,14159... π , o número pi! a constante matemática pi!

o número π é uma proporção numérica definida pela relação entre o perímetro de uma circunferência e seu diâmetro. o valor de pi é obtido, então, ao dividir o comprimento de uma circunferência pelo diâmetro. o diâmetro é igual a duas vezes o raio.

em outras palavras, se uma circunferência tem perímetro L e diâmetro d, então pi é igual a L sobre d. ele é representado pela letra grega π , adotada a partir da palavra grega para perímetro, "περίμετρος", provavelmente por william jones em 1706.



- 1084 – [mostrando o celular.] ele decorou da internet.
- 3,14159 – a minha memória é fantástica!
mas eu lembro de muitas coisas, não só de números.
eu lembro da revolta dos escravos liderada por espártaco, na roma antiga.
eu lembro de zumbi dos palmares, durante a escravidão.
eu lembro da sabinada, da balaiada e dos farrapos, no brasil império.
eu lembro de outubro de 1917, narússia.
eu lembro de julho de 1917, em são paulo.
eu lembro dos sandinistas, na nicarágua.
eu lembro da comuna de 1871, emparis.
eu lembro da marcha dos cem mil em 1968, no rio de janeiro.
eu lembro de edson luis e de marielle franco, também no rio de janeiro.
eu lembro da independência do haiti, em 1804.
eu lembro que rosa luxemburgo criou o movimento espartaquista, na alemanha.
e que o corpo de espártaco nunca foi encontrado.
- 2-3-5 – [está na lateral do palco]
é como se ele não tivesse morrido.
as ideias continuam.
e ele se multiplica.
como cobra de vidro.
- 1084 – bobagem!
- 3,14159 – não é não.
o povo jura que cobra-de-vidro é uma espécie
de lagarto que quando se corta em dois, três, mil pedaços facilmente se refaz.
é memória e história.
é história e memória.
os números e a vida.
- 2-3-5 – [ainda na lateral do palco]
mandou bem, primo.

CENA 08

[2-3-5 caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.]

2-3-5 – boa noite.
eu sou primo do 1084 e da 3,14159.
o meu nome é 2-3-5.
vocês devem estar pensando, será que todo mundo nessa peça tem nome de número?

[pausa.]

sim! todo mundo tem nome de número: 1084, 2,14159, 2-3-5 e 0 à esquerda [lê-se sempre “zero à esquerda”], que é o próximo e o último a se apresentar.

como eu ia dizendo, eu sou primo do 1084 e do 3,14159.
e não tenho nenhum parentesco com o 0 à esquerda.
eu sou primo. entenderam?

[faz o gesto característico com a mão balançando, polegar e indicador esticados.]

eu sou próximo deles, mas não sou irmão. eu sou primo. eu vou demonstrar pra ficar mais fácil.

[apresenta um grande quadro onde está representado o crivo de eratóstenes.]

este aqui é o crivo de eratóstenes. não é aristóteles, é eratóstenes, um cara muito menos conhecido que o aristóteles. eratóstenes foi um matemático da grécia antiga - ele foi bibliotecário em alexandria, antes do incêndio - é verdade! e ele descobriu um esquema para encontrar os números primos. o esquema é representado numa tabela composta de números naturais.

3,14159 – os números naturais são números inteiros positivos - não negativos e não nulos - [olha furtivamente para 0 à esquerda] que se agrupam num conjunto chamado de N, composto de um número ilimitado de elementos: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12...

1084 – [mostra o celular, indicando que 3,14159 decorou o texto, provavelmente retirado da internet.]

2-3-5 – assim, o método utilizado é - primeiramente - encontrar o primeiro número primo da tabela. primeiramente, primeiro, primo... [faz o gesto característico com a mão balançando, polegar e indicador esticados.] entenderam? depois, é só marcar todos os múltiplos desse número e repetir a operação até o último. assim, ficarão na tabela somente os números primos.

[mostra a tabela abaixo com satisfação.]

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50

vamos ver juntos quais são os passos para descobrir os números primos:
1°. escreva numa tabela os números de 1 até 50;

2°. sabemos que qualquer número par é divisível por 2, então não risque o nº 2, que é primo, e risque na sua tabela todos os múltiplos de 2 (4,6,8...);

3°. lembrando que qualquer nº é divisível por 3 se a soma de seus algarismos também o for, portanto, sem riscar o nº 3, que é primo, risque na tabela todos os nºs múltiplos de 3; 4°. sabendo que todo nº é divisível por 5 se terminar em 0 ou 5, sem riscar o nº 5, que é primo, risque na sua tabela todos os múltiplos de 5;

5°. agora, sem riscar o nº 7, que é primo, risque todos os nºs que fazem parte da tabuada do 7 na sua tabela.

6°. não se esqueça que um número primo só é divisível por ele mesmo e pelo número 1, portanto, tem dois e somente dois divisores naturais, com base nesta informação, risque o nº 1, pois ele não é primo;

7°. por fim, escreva os números que você não riscou na sua tabela. serão estes, então, os números primos de 0 até 50.

1084 – só isso?

2-3-5 – sim.

resumindo: os números primos são números naturais maiores do que 1 que possuem somente dois divisores, eles são divisíveis por 1 e por ele mesmo. vejam os exemplos na tabela: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31 e assim por diante.

1084 – e? pra que serve?

2-3-5 – é muito fácil descobrir números primos gigantes usando computadores, mas é muito difícil fazer o percurso inverso, porque não existe uma fórmula, mesmo usando supercomputadores. ou seja, todas as tecnologias de criptografia usam os números primos como base para uma série de algoritmos de segurança.

sem os primos não seria possível efetuar compras seguras na internet.

hoje em dia são usados números primos com algumas centenas de dígitos, mas à medida que os computadores forem se tornando mais rápidos, números primos ainda maiores serão necessários.

CENA 07

[0 à esquerda caminha até o centro do palco e dirige-se ao público.]

0 à esquerda – eu sou o 0 à esquerda.
não “um” 0 à esquerda, eu sou “o” 0 à esquerda. todo mundo aqui tem ou teve um apelido, não é?
o seu, por exemplo [*interpela alguém da plateia*], qual é o seu apelido? e o seu?

[*aqui é possível improvisar com o público.*]

bom, vocês tão vendo que 0 à esquerda nem é tão ruim assim. eu levo na esportiva.

[*depois de uma pausa.*]

ehh, mais ou menos...

o problema é que eu não me sinto bem na minha pele.

é como se eu não fosse eu. é como se eu tivesse olhando pra mim de fora, do alto, e dissesse assim: coitado, ele não achou seu lugar no mundo.

é estranho. é estranho.

por isso eu fico um pouco à margem.

[*afasta-se do centro do palco. fica imóvel. afasta-se mais um pouco.*]

0 à esquerda não é um número negativo, mas eu já pensei, algumas vezes, que eu não queria mais viver.

[*3,14159, 1084 e 2-3-5 cercam 0 à esquerda, todos o abraçam e cantam: pensou mas não pensa mais, pensou mas não pensa mais...*]

0 à esquerda – tá bom, tá bom, mas não precisa me sufocar.

[*3,14159, 1084 e 2-3-5 param de abraçar, olham-se muito sérios e então recomeçam a cantar e a sufocar 0 à esquerda: pensou mas não pensa mais, pensou mas não pensa mais...*]

3,14159 – número negativo, pra ficar bem claro, é todo número real menor que zero, como -1, -2, -3. [*falando para 1084*] não precisa mostrar o celular! eu não tirei isso da internet.
na china, no século dois antes de cristo, os números negativos eram escritos em preto e os números positivos em vermelho.

[0 à esquerda, 1084 e 2-3-5 exclamam: ohhhhhhh...]

3,14159 – como os chineses estão do outro lado do mundo eles invertem as coisas.

1084 – bobagem!

CENA 06

[cena coral. aqui é aconselhável utilizar música, que serve como introdução e comentário da cena. sugerimos composições que envolvam raciocínios matemáticos complexos, como: pithoprakta de iannis xenakis; prelúdio e fuga n° 1 in dó maior de j.s. bach; poema sinfônico para 100 metrônomos de györgy ligeti; mad rush de philip glass.]

0 à esquerda – cep 01502-023

tênis 39

camisa 2

cintura 72

altura 1 metro e 68

peso 68 kilos

rg 50.628.117-9

cpf239.415.102-4

pis pasep 131.08406.79-5 senha do banco...

2-3-5 – número da casa 735

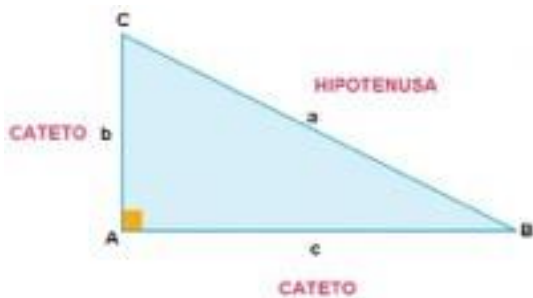
número do celular 978546623 temperatura do ar 27 graus celcius
temperatura corporal 36,7 umidade do ar 60%

3,14159 – um metro tem 100 centímetros um quilômetro tem 1000 metros uma
tonelada tem 1000 kilos uma semana tem 7 dias
um quilate tem 0,2 grama um ano tem 12 meses
um minuto tem 60 segundos um milênio tem 1000 anos um hectolitro
tem 100 litros um pé tem 12 polegadas
um metro cúbico tem 1000 litros um real vale 100 centavos

1084 – o limite de velocidade é 100 quilômetros por hora
o brasil é pentacampeão no futebol as notas na escola vão de 0 a 10 este
teatro tem 170 lugares
o número da besta é 666 hoje é dia 23
são 21h43 3, 2, 1
zero

CENA 05

3,14159 – em qualquer triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à
soma dos quadrados dos catetos. pitágoras é o cara!



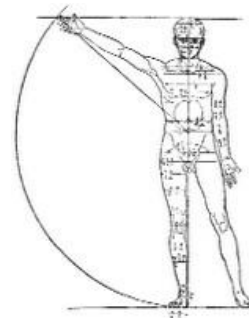
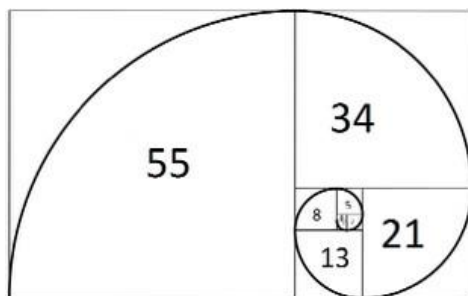
[3,14159 deverá fazer aqui a demonstração do teorema de pitágoras usando os três companheiros de cena. o maior deles fazendo o papel de hipotenusa, o menor fazendo o papel do cateto b.]

3,14159 – vejam aqui: o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. é muito bonito isso, quase uma história de amor: às folhas tantas de um livro de matemática, um quociente apaixonou-se um dia doidamente por uma incógnita. olhou-a com seu olhar inumerável viu-a do ápice à base: uma figura ímpar; olhos rombóides, boca trapezoidal, corpo retangular, seios esferóides. fez da sua uma vida paralela à dela, até que se encontraram no infinito. “quem és tu?” – indagou ele em ânsia radical. “sou a soma dos quadrados dos catetos. mas pode me chamar de hipotenusa.”

1084 – [mostra o celular para o público.]
poema do millôr fernandes.

2-3-5 – aproveitando o momento romântico: o número de ouro, representado por phi (ϕ) é igual a 1,618033...

[2-3-5 faz a demonstração do número de ouro com a ajuda de um flip chart ou outro dispositivo para a apresentação de imagens.]



2-3-5 – esta sequência de números é conhecida como sequência de fibonacci, que não é um tipo de pizza, mas uma relação encontrada em muitos lugares: caramujos, pétalas de flores, ramos das plantas, arquitetura, na logomarca de uma empresa de computadores e até no corpo humano.

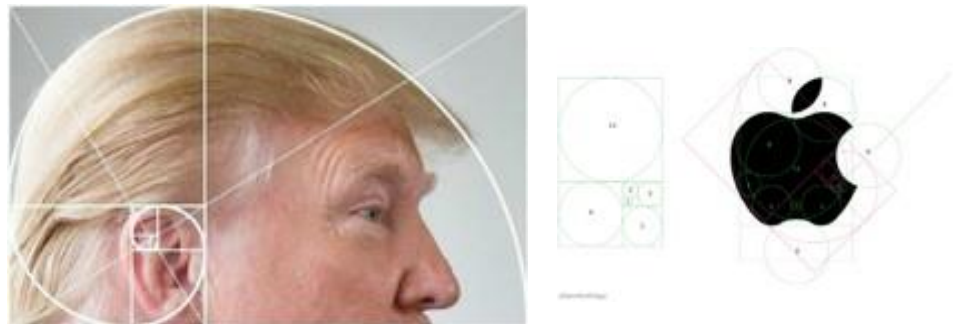
vejam: é só medir a distância que vai do alto da cabeça até o chão, e depois dividir o resultado pela distância do umbigo até o chão. que número nós vamos encontrar? o número phi: 1,618033...

ao medir a distância de um ombro até a ponta dos dedos, e depois dividir pela distância entre o cotovelo até a ponta dos dedos, nós chegamos também ao número phi.

medindo a distância dos quadris até o chão e dividindo pelo joelho até o chão, também vemos phi. que está também na proporção dos nós dos dedos e na divisão da coluna vertebral.

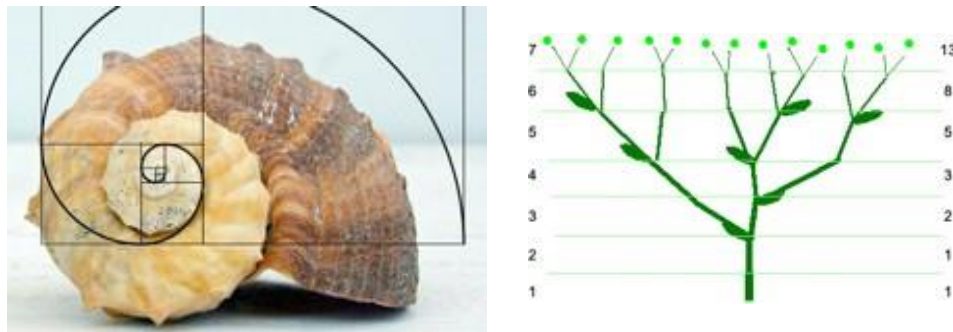
a sequência de phi é infinita e começa assim:

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233... vejam que 0 + 1 igual a 1; 1 mais 1 igual a 2; 1 mais 2 igual a 3; 2 mais 3 igual a 5; 3 mais 5 igual a 8; 5 mais 8 igual a 13; 8 mais 13 igual a 21 e assim por diante.



2-3-5 – os operadores da bolsa de valores frequentemente olham para a sequência de fibonacci para preverem os preços das ações.

outro uso interessante da sequência de fibonacci é na conversão de milhas para quilômetros: uma milha é igual a 1,60934 quilômetro.



2-3-5 – em música os números de fibonacci são utilizados para a afinação de instrumentos, e nas artes visuais para determinar as proporções entre os diferentes elementos formais de uma composição.

0 à esquerda – os números e a vida! a vida e os números! proporção áurea ou número de ouro... não tem mistério. a proporção áurea é uma constante real algébrica obtida quando dividimos uma reta em dois segmentos de forma que o segmento mais longo da reta dividida pelo segmento menor seja igual à reta completa dividida pelo segmento mais longo. este valor é 1,6180339887...

3,14159 – impressionante!

0 à esquerda – obrigado. e vocês já ouviram falar do quadrado mágico? que não é mágico!

TODOS – não!

0 à esquerda – um quadrado mágico...

TODOS – que não é mágico...

0 à esquerda – ... é uma tabela quadrada, onde a soma dos números das linhas, das colunas e das grandes diagonais é sempre a mesma, sendo que nenhum destes números se repete.

1084 – [*dá a entender que vai mostrar o celular para o público, mas não o faz.*]

0 à esquerda – vamos ver juntos um quadrado mágico.

[3,14159, 1084 e 2-3-5 olham-se muito sérios e então correm para abraçar 0 à esquerda.]

0 à esquerda – não, sem sufocar, sem sufocar... brincadeira sem graça.

[0 à esquerda mostra o detalhe do quadro, pintado por albrecht durer.]



detalhe do quadro *melancholia* de albrecht durer, 1514.

0 à esquerda – a soma, em todos os sentidos, é sempre 34!

2-3-5 – existe até uma editora que se chama 34, por causa do quadrado mágico.

0 à esquerda – vamos analisar juntos este quadrado mágico.

[3,14159, 1084 e 2-3-5 ameaçam correr para abraçar e sufocar 0 à esquerda, mas desistem.]

em baixo é 34.

2-3-5 – mandou bem, 0 à esquerda.

0 à esquerda – 0 à esquerda é a mãe!

1084 – ou-ou, calma no brasil!

3,14159 – depois dessa aula sobre quadrado mágico, eu quero propor um desafio bem mais difícil. talvez seja o problema mais complexo, mais profundo e mais incognoscível de toda a matemática contemporânea.

[*pausa dramática.*]

3,14159 – qual é a metade de $2 + 2$?

[*espera as respostas dos parceiros em cena e do público.*]

3,14159 – a resposta é... 3.

eu explico: a metade de 2 é 1; então, somando $1 + 2$, o resultado é igual a 3

CENA 04

1084 – vocês devem ter reparado que o nome desta peça é “os números e a vida”. pois bem, eu quero dar um exemplo disso usando o baralho.

[*2-3-5 faz o papel de partner e mostra um baralho para o público.*]

1084 – um baralho comum tem 52 cartas, vocês sabem por quê?
porque ele foi inspirado no calendário gregoriano.

0 à esquerda – O calendário gregoriano é um calendário solar para a contagem dos anos, meses, semanas e dias que tem como base as estações do ano.

3,14159 – o calendário gregoriano foi criado na europa em 1582, por iniciativa do papa gregório XIII, com o objetivo de corrigir os erros do calendário anterior, chamado juliano. mesmo assim, o calendário gregoriano tem alguns defeitos, como a irregularidade da duração dos meses, que podem ter entre 28 e 31 dias.

o calendário juliano tinha sido instituído por júlio César, que, dizem alguns, também jogou como goleiro no flamengo. mas ele errava muito. o calendário, não o goleiro. já que não levava em conta o movimento de translação da terra, ou seja, o tempo que a terra demora para circular em volta do sol. a terra como o sol são esferas. já a bola de futebol, como sabemos, é um icosaedro truncado composto por 20 hexágonos e

12 pentágonos, tendo, portanto, 32 faces e 60 vértices. ela parece esférica porque, em geral, está cheia de ar.

2-3-5 – mandou bem, 3,14159.
os números, a vida e o futebol.

3,14159 – e tem mais. a palavra calendário vem do latim “calendarium” que significa livrodas calendas.
calendas era o livro usado para contar os dias das festividadesreligiosas marcadas no início de cada mês lunar na roma antiga, antes da introdução do calendário juliano.
O atual calendário é chamado de gregoriano em homenagem ao papa gregórioXIII, embora seu criador tenha sido o astrônomo e filósofo italiano Luigi Giglio.

1084 – *[mostrando o celular.] internet. [lendo no celular.]*

não por coincidência, o ano tem 52 semanas. também não por coincidência, nós temos quatro estações ao longo do ano. há quem interprete a representação dos naipes da seguinte maneira: ouros são a primavera, paus são o verão, copas são o outono e espadas são o inverno.

[durante toda esta cena 2-3-5 vai manuseando o baralho, mostrando para o público as diferentes cartas.]

3,14159 – e o curinga?

1084 – o curinga representa o ano bissexto. a cada quatro anos o mês de fevereiro tem 29 dias, no lugar de 28. isso foi inventado para as contas fecharem.

CENA 03

2-3-5 – *[trazendo um flip chart até o centro do palco.]* vocês já jogaram sudoku?
aliás, você sabem o que é sudoku?

1084 – é aquela luta com dois caras muito gordos.

0 à esquerda – não, esse é sumoko.

3,14159 – sumô!

1084 – somou o quê?

2-3-5 – gente, sudoku é um tipo de quebra-cabeça que se baseia na concordância racional de números. a palavra é a abreviação da frase em japonês que significa “os números devem ser únicos”.

[mostra uma das folhas do flip chart com as seguintes palavras em japonês: **suuji wa dokushin ni kagiru.**]

2-3-5 – como o sistema de escrita japonesa é um pouco complicada, nós estamos usando o alfabeto romano, o mesmo que o julio César usava no flamengo



aqui está um sudoku. [mostra no flip chart o quadro da esquerda.]

5	3			7					5	3	4	6	7	8	9	1	2
6			1	9	5				6	7	2	1	9	5	3	4	8
	9	8					6		1	9	8	3	4	2	5	6	7
8				6				3	8	5	9	7	6	1	4	2	3
4			8		3			1	4	2	6	8	5	3	7	9	1
7				2				6	7	1	3	9	2	4	8	5	6
	6					2	8		9	6	1	5	3	7	2	8	4
			4	1	9			5	2	8	7	4	1	9	6	3	5
				8			7	9	3	4	5	2	8	6	1	7	9

o primeiro sudoku foi publicado no final da década de 1970, em nova york. somente em 2004 foi feita a primeira publicação na inglaterra. a partir daí ele se espalhou pelo mundo inteiro.

normalmente o jogo é composto por uma grade de 9X9 formada de sub-grades de 3X3, denominadas de regiões. cada região tem 9 células. certas células já contêm números, chamados de dados. a finalidade do jogo é preencher as células vazias, com um número em cada célula, de forma que cada coluna, linha e região contenham os números de 1 a 9 apenas uma vez.

antes de resolver nosso enigma, é preciso saber que existem três formas de resolver o sudoku:

a) varredura: ocorre quando se varre a grade à procura de quadrículas que possam conter apenas um número.

b) análise: é a avaliação de cada domínio à procura das posições onde cada algarismo de 1 a 9 possa aparecer.

c) emparelhamento: é a análise feita com “olho clínico” para identificar as situações que podem levar à simplificação do problema.

1084 – varredura, análise e emparelhamento.
varrer a grade. avaliar cada domínio. simplificar o problema.
acho que estas formas de pensar servem para resolver outras coisas além do sudoku

0 à esquerda – você tem razão 1084. os números e a vida... a vida e os números...

2-3-5 – [2-3-5 mostra o quadro da direita, com a resolução do jogo. outra possibilidade é resolver o problema junto com o público, em cenainterativa.]

0 à esquerda – vamos fazer um outro exercício?

[se for possível, são distribuídos papel e lápis para a plateia. 0 à esquerda pode usar o flip chart para sua demonstração.]

por favor, escolham qualquer número de três algarismos diferentes. agora escrevam este número de trás para frente e subtraiam o menor do maior. agora invertam também esse resultado e façam a soma.

por algum motivo muito estranho, eu acho que a resposta é... 1089.

[se for necessário, deve-se dar um exemplo: $875. 875 - 578 = 297. 297 + 792 = 1089.$ lembrando ao público que sempre devem ser usados três dígitos no cálculo, como neste exemplo: $574. 574 - 475 = 099. 099 + 990 = 1089.$]

1084 – não é isso que explica o meu nome, não é? o meu nome é 1084 e as tuas contas dão sempre 1089.

0 à esquerda – é verdade, o teu nome só vai ser explicado no final da peça. é um mistério, lembra?

1084 – sei.

CENA 02

3,14159 – o formato de um teatro, explicou vitrúvio - o grande arquiteto do renascimento -, deve ser planejado de modo que, de acordo com o comprimento do diâmetro da área mais baixa e partindo de seu centro, um círculo possa ser descrito e, dentro dele, quatro triângulos tangenciando o círculo, com faziam os astrônomos para determinar os doze signos do zodíaco, e isto de acordo com as leis musicais das esferas.

1084 – [mostrando o celular.]

ele decorou da internet.

3,14159 – geometria, matemática, astronomia, música.

0 à esquerda – e o teatro.

3,14159 – o teatro e a vida.
sim.

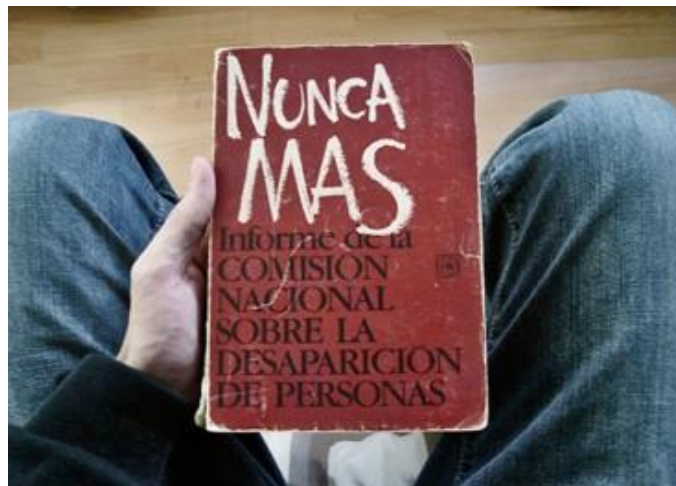
[0 à esquerda retira de uma sacola o livro “nunca más”, sobre a ditadura argentina, e o entrega para 1084.]

0 à esquerda – isso é para você. mas não é para ficar melancólico, viu?

CENA 01

[1084 lê o livro, avança algumas páginas, segue as frases com o dedo. longo silêncio.]

1084 –



este é o livro. [mostra ao público.]

o livro que meu tio queria me dar de presente quando eu fizesse quinze anos. tá aqui. não precisei nem baixar. [mostra o celular.]

“nunca más”. em espanhol.

quer dizer “nunca mais”, em português.

eu ainda não li ele todo. eu gosto mais dos números, mas agora já sei que meu pai trabalhou pra ditadura.

por isso ele foi preso.

ele jogou pessoas vivas no mar, de um avião. ele foi condenado a 1084 anos de prisão.

isso dá mais ou menos 77,42 vezes a minha idade. é por isso que, nessa peça, eu me chamo 1084.

não tem nenhum mistério: não é o número mágico 1089, não faz parte

da sequência de fibonacci, não tem relação com o número phi ou com o icosaedro truncado.

não é um número primo. mas faz parte da história. uma história triste, eu sei.

mas a vida, parece, também é assim.

3,14159 – sim. a vida é assim.
mas o corpo de espártaco nunca foi encontrado. e ele se multiplica.

1084 – cobra de vidro.

PRÓLOGO

2-3-5 – a palavra “primo”, no caso dos números, se refere a “primeiro”.
mas o número “um” não é um número primo, porque ele tem apenas um divisor: ele só pode ser dividido por ele mesmo.
e a menor unidade, isso eu descobri no teatro - e redescubro todas as noites em que estamos aqui, representando -, a menor unidade é sempre dois.

eu sei quem eu sou, porque existe um outro, que não sou eu.

e esta é quase uma definição de teatro: fingir ser outro para descobrir quem se é, ou para inventar quem se quer ser. e assim descobrir quem são os outros. e quem somos nós, todos, neste mundo que nós inventamos.

1084 – talvez por isso o primeiro número primo seja o número dois.
e talvez por isso, também, o dois seja o único número primo par.

2-3-5 – e o que isso quer dizer?

1084 – e o que isso quer dizer?

3,14159 – o que é que sobra?

0 à esquerda – muito.
sobra muito.
não tem resto.
tem um mundo. um mundo de coisas.

1084 – um mundo de números.

2-3-5 – um mundo de gente.

0 à esquerda – um mundo de mundos.

3,14159 – o pi é infinito.

1084 – o phi é infinito.

[neste momento há uma mudança na iluminação, que deve ficar muito mais intensa.]

0 à esquerda – [0 à esquerda se aproxima da plateia e fala quase num sussurro.]

o dia com seus cuidados e perplexidades terminou e a noite cai agora sobre nós. a noite deveria ser um tempo de paz e tranquilidade, um momento para relaxar e ficar calmo. precisamos de uma história reconfortante para banir os pensamentos perturbadores do dia, para colocar em repouso nossas mentes inquietas e deixar à vontade nossos espíritos desordenados.

e que tipo de história devemos ouvir? ah, uma história familiar, uma história muito, muito antiga e, no entanto, tão nova. a velha, velha história do amor.

dois amantes sentados em um banco de parque, com seus corpos tocando um ao outro, de mãos dadas ao luar. houve então um silêncio entre eles. tão profundo era o amor que sentiam um pelo outro, não precisavam de palavras para expressá-lo.

e eles estavam sentados em silêncio, em um banco de parque, com seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. finalmente um deles perguntou: "você me ama?". "você sabe que eu te amo". "eu te amo mais do que a língua pode dizer. você é a luz da minha vida, meu sol, lua e estrelas. você é tudo para mim. sem você eu não tenho razão de existir.". mais uma vez houve silêncio enquanto os dois amantes estavam sentados em um banco do parque, seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. mais uma vez um deles perguntou. "quanto você me ama?" "quanto eu te amo? conte as estrelas no céu. meça as águas dos oceanos com uma colher de chá. numere os grãos de areia na praia. impossível, você diz. sim, isso é tão impossível como eu dizer o quanto eu te amo.

"meu amor por você é mais alto que o céu, mais profundo que o hades e mais amplo que a terra. não tem limites. não tem fronteiras. tudo deve ter um final, exceto meu amor por você".

houve mais um silêncio enquanto os dois amantes estavam sentados em um banco de parque com seus corpos se tocando, segurando as mãos ao luar. mais uma vez ouviu-se uma voz. "me beije". eles se inclinaram e seus lábios calorosamente se tocaram em fervoroso ósculo.

1084 – [mostrando o celular.] samuel johnson.

TODOS JUNTOS – | + | = ||

FIM

NOTA: os números e a vida é um texto teatral que parte de referências factuais importantes, algumas pouco conhecidas. 1084 é, de fato, o número de anos a que foi condenado, na Espanha, o ex-militar argentino Adolfo Scilingo, réu confesso de crimes contra a humanidade cometidos durante a última ditadura civil-militar argentina (1976-1983). ele admitiu a participação em dezenas de assassinatos nos chamados "voos da

morte”.

todas as referências, curiosidades e jogos matemáticos são reais, eles podem ser encontrados em diversas fontes. extrapolações de caráter conceitual ou filosófico são, entretanto, de responsabilidade do autor.

o texto procura fazer associações entre eventuais comportamentos dos adolescentes (uso de tecnologias digitais, um certo solipsismo, questionamentos existenciais, inconformismo político) e realidades matemáticas. é uma forma lúdica de tratar ambos os temas, ao mesmo tempo que ambiciona revelar aspectos menos evidentes da vida social.

é perceptível que o texto procura revelar mecanismos de funcionamento do próprio teatro. este procedimento, formal e de conteúdo, tem relação com o gosto pela descoberta e a excitação da aventura, típicos da adolescência. neste sentido, montar *os números e a vida* deveria ser como desmontar uma máquina, e assim desvendar seus mistérios.

FIM